

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Plano de campanha

Os clericaes se movem. O Brasil está delles infestado. Servindo-se da tolice humana tem o Vaticano grangeado aqui entre nós numerosos adeptos e defensores com o distribuir de irrisorios titulos de uma nobreza risivel. Mas isso não deve esmorecer os que sentem no clericalismo o mal insondavel, o perigo contra a consciencia, perigo contra a civilização. Ao contrario, o que devem fazer todos os que assim pensam é reunir as hostes em attitude de combate, sem ver cór politica ou matiz social e abrir contra os clericaes a campanha tal como elles a fazem: pertinaz, constante, diaria, clara e directamente feita por vezes, indirecta e encoberta por outras. E' preciso combater-los em todos os terrenos, em todos os momentos, sem ver os interesses que por ventura se firam, mas só tendo em vista impedir de dar-lhes expansão e poderio a elles clericaes, a elles vorazes comedores de consciencias. Um anticlerical deve ter sempre a satisfação de durante o dia ter tido pelo menos uma occasião de ser desagradavel ao clerical. Desagradavel em todos os sentidos e por todos os processos que estejam de accôrdo com a consciencia de cada um.

Porque essa guerra atroz, perguntarão os que acreditam que a arma do anticlericalismo deve ser a tolerância?

Porque as lutas devem seguir a orientação que lhes dão as circunstancias do momento. Ora, o momento entre nós, depois dessa desastrosa separação da Igreja do Estado, feita com os temores e receios de toda a legislação brasileira, é o franco poderio da Igreja. Ella domina em absoluto em todos os actos da nossa vida social. Pede ao governo prestigio, quando o contacto do governo pôde lhe trazer prestigio; delle desdenha quando no desdem pôde encontrar materia a impressionar o grosso publico e adquirir portanto mais prestigio.

Dos cofres publicos e da riqueza nacional vai extorquindo diariamente e silentemente, em obediencia a uma orientação previamente estabelecida, todos os dinheiros, todas as parcelas que lhes cheguem ás ávidas fauces.

Refugio de todo o mundo civilizado para as confrarias e ordens religiosas vai o Brasil se transformando numa vasta sucursal do Vaticano.

O padre invade tudo, entra em todos os recantos, sobe a todos os recessos. Entra-nos no lar pelo bentinho, pela reza, pelo fetiche com que empolgou a intelligencia fraca de nossa mulher ou seduziu a imaginação vacillante de nossos filhos.

No lar elle estabelece a Lei, estabelece o regimen, estabelece a ditadura das suas normas e das suas crenças, e quando um dia despertamos de nosso enlevo, de nosso alheamento, presas que somos do trabalho quotidiano, olhamos em torno, contemplamos os nossos filhos, fitamos a nossa mulher e vemos em todos os mesmos olhares de desconfiança, as mesmas attitudes de hypocrisia com que a vida se transforma num desenrolar interminado de mentiras.

O lar, não somos mais nós que o dirigimos: é o aive de intrujices e torpezas que é um padre!!!

Essa é a situação do clericalismo no Brasil.



(DESENHO DE CUJUM).

Para maior gloria de Deus!

Plantado pela herança, adubado pelo espirito supersticioso da raça, regado pela concessão escandalosa que foi a separação sem peias da Igreja do Estado, estrumado pela credence e medo dos presidentes que tem tido a Republica, o clericalismo é hoje a força mysteriosa, mas pujante que dá a sua característica a todos os actos da nossa vida social, que os entorpece, que os entrava, que os amolda ás normas seculares, arcaicas e antiprogressistas hoje synthetizadas na voracidade sem fim do Vaticano.

Quando um mal chegou a tal ponto a tolerancia é injustificavel. O clericalismo não é mais uma figura de rhetorica. E' o ar contaminado que já nos asphyxia. Contra elle é necessario empregar as mesmas armas que contra nós elle emprega.

Luta contra luta, campanha contra campanha, intolerancia contra intolerancia. Lutemos dia a dia, em todos os terrenos, em todas as circunstancias, em toda a esphera de nossa acção. E' esse o plano de campanha que se impõe neste momento.

MAURICIO DE MEDEIROS.

Inesquecível

Marca hoje, o 13 de outubro, o primeiro anniversario do assassinato da luminosa personalidade de Francisco Ferrer. Esta data assignala na historia uma impercível e triste mancha, que deve cobrir de vergonha, neste seculo de luz, a humanidade, de cujo seio não partiu unisono o grito de revolta, do indignação, consentindo que a força da estupidez, a cegueira desenfreada da ignorancia, a perversidade atroz dos mystificadores, retratadas na infamia do clero, consummasse, levando Ferrer á arena da morte, tão mesquinha, tão vil, tão ignobil vingança!

Ao escrever estas linhas despretenciosas, unicamente porque sinto necessidade de exteriorizar minha indignação, e repassando na memoria todos os acontecimentos que acabaram com a morte de Ferrer, tremo; uma revolta formidavel apodera-se de meu ser contra a miseravel canalha, e um sentimento immenso de tristeza invade meu espirito, entregando-o, apesar das imposições tyrannas do meu mister, ao mais doloroso e profundo dos scismas.

Porque se mata um justo, um bom, um verdadeiro cerebro esclarecido nos mais alevantados principios, que outra não era sua intenção, sinão a de espalhar a maior somma de bem no seio da humanidade?

Serão capazes, seus desnaturados algozes, de apontar um tenue fio que prendesse a vida quer publica quer particular, de Ferrer, a uma acção menos digna, que estivesse em desharmonia com a sua elevação moral e intellectual?

Os infames carrascos não tartamudeariam, não sentiriam as pernas bambear e a fronte inundar-se-lhes de suores algidos se tivessem que, perante um tribunal publico, formado de consciencias crystallinas, defender as causas que os obrigaram a lavrar despoticamente a barbara sentença assassina, que, varado pelas balas dos esbirros, levou o corpo de Ferrer ao tumulo?

Se nesse momento deixassem de ser monstros, peores que

monstros, para se mostrarem homens, haveriam de dobrar, de cair fulminados sob o peso esmagador da infamia atroz que commetteram. E, entretanto, a humanidade sem educação dos bons principios, conservou-se impassivel. E é ella que, tolerante, sem a menor noção de investigação, admira e adora um louco, um degenerado cuja existencia inutil só tem acarretado martyrios e martyrios. A generosidade dos poetas de imaginação fertil e fantasista, cantou nos seus versos, sonora e delicadamente, esse typo de valor lendario; os escriptores nas suas divagações literarias burilaram e coloriram phrases d'ouro e mostraram nesse demente, um ardente socialista, um inegualavel altruista, um amigo do bem, da verdade e da justiça; pintores e esculptores, confirmaram nas suas telas e nos seus marmores, com a harmonia impecavel de seus traços, os contornos brandos de suas artes, essa figura falsa, porém artisticamente encantadora, pois souberam dar-lhe no olhar tudo que é meigo e doce, puzeram-lhe na frente a pallidez dos que sonham e a melancolia dos scismadores, e, por sobre as espaduas brancas e macias, cobertas pela tunica singela e alva deixaram escorregar-lhe ingenuamente graciosos, em anéis, fios sedosos de uma cabelleira loira!

A humanidade cega, imbuída de preconceitos tradicionais, sem um exame consciente desse homem a quem mansamente chamaram Jesus, na sua desastrosa falta de discernimento, crendo cegamente nas hypotheses de uma lenda que tem servido para o seu tormento e para sua triste exploração, infatigavel, constróe-lhe pomposos templos, onde mais tarde vai ferir os joelhos nas penitencias barbaras.

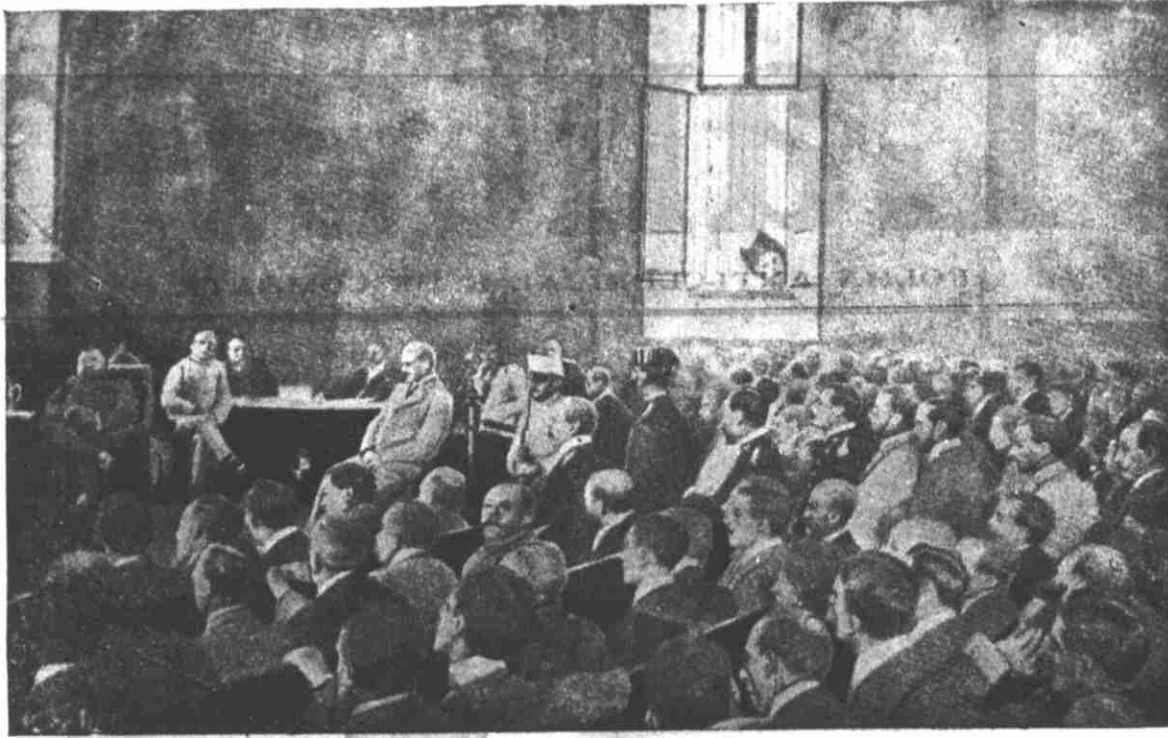
Que disse, que fez, que deixou esse monomaniaco, de meritorio, de cuja utilidade derivasse um pequeno bem? Era contra a sciencia, era contra a verdade, era contra a justiça. Sua passagem no mundo, não foi mais do que uma sementeira de dor e que, hajam embora tantos seculos passados, todavia nos espezinha e martyriza.

Suas palavras foram incompreensiveis devido á enorme ignorancia de seu espirito, sua moral, incoherente, illogica e contra os grandes principios biologicos, e nem sequer possuía sentimento affectivo, porque á propria mãe bondosa e mystica escorraçou, até poder tolera-la desprezivelmente, quando o reconheceu filho de Deus.

Por ventura poder-se á estender um paralelo entre elle e Ferrer? O ignorante e o cientista, o misanthropo e o altruista, a encarnação da mentira e o esplendor da verdade? Não, de maneira alguma.

Assassinaram a Ferrer; as sciencias execrandas, torpes, putridas como os lodos pestilentos dos charcos, nojentas como a lesma fria e viscosa, do clero abjecto e repulsivo, na sombra humida e esteril dos conventos ennegrecidos pelas hostilidades do tempo, urdiram a trama traiçoeira na qual cairia victima o incomparavel amigo das crianças.

Não posso deixar de recordar, toda vez que a memoria de Ferrer me acaricia a imaginação,



Francisco Ferrer perante o Conselho de Guerra

a figura abnegada, insuperavel e extraordinaria, que o talento coruscante e previdente de Zola, criou admiravelmente para o livro de grandes e luminosos ensinamentos intitulado «A Verdade».

Marcos, o professor racionalista que martyrizado e ferido quasi de morte no que talvez mais lhe fosse caro, dotado de uma persistencia inquebrantavel, não esmoreceu um minuto, na luta contra possantes adversarios, e, cheio de dedicacão incomparavel, educando tres gerações, de pesquisa em pesquisa, de esforço em esforço, pôde trazer á luz, já velhinho então, cansado de emoções, toda verdade rutilante, que salvaria das brutae garras homicidas, um innocente atirado aos rigores das galés pelo miserando ardil dos representantes das instituições divinas!

A verdade, porém, depois de inauditos trabalhos, triumphara, e o crapuloso sotaina degenerado, aturdido, irremediavelmente perdido e acoitado por sua propria infamia, deixou um momento de ser padre, tornando-se o infimo dos homens, e roto, esqualido, sujo e desgrenhado, confessou, num pequeno assomo de dignidade, na praça publica, o montruoso e duplo crime, cuja autoria executante lhe cabia. E esse dia, que Zola com seu possante poder descriptivo nos fez conhecer, luminoso, cheio de sol e perfumes, suave, fresco e lindo—toda essa harmonia perfeita, cantou, durante a pouca vida que a Marcos sobrava, no seu coração incomparavelmente bom, na mais positiva, na mais radiante e intensa alegria.

Porém, a dedicacão de Francisco Ferrer, seu desprendimento frisante ás commodidades de uma vida burgueza, regalada e pacatissima, a sua imperecivel e benemerita obra humanitaria, não se perdeu nas profundezas do esquecimento, ella repercutiu com successos inapagaveis na Europa e mesmo na America, ficando positivamente demonstrado que, felizmente, e para o supremo bem futuro, houve espiritos que a comprehendessem, fugindo á morbidez de um indifferentismo brutal, que os tornava retrogradados e os impedia de serem continuadores de tudo que corresponde á verdade, á nobreza e á justiça.

Embora tenham as balas da soldadesca vil e assassina, entregado o corpo de Ferrer ao banquete putrido dos vermes esfaimados, as pompas e os esplendores de um pequeno rei pretencioso e nullo, connivente com a sotaina infecunda e traiçoeira, que embuçada na hypocrisia e occulta na penumbra prepara o bote como qualquer asqueroso reptil peçonhento, jamais, nem com todas as coleras do mentiroso Deus, nem com o troar casuístico decedor das artilharias, nem com os gumes afiados dos sabres,

nem com os silvos das balas dos fuzis, nem com as pontegudas lanças d'aço destramente manejadas numa descuidada promiscuidade luzidia, na torpe séde de embeberem-se em sangue, poderão levemente empanar, solapar, a clareira luminosa que abriu Ferrer na sua passagem pela vida, cheia então de espessa treva nefanda, que fazia errar dolorosamente o genero humano. Perdeu-se o corpo de Ferrer, e hoje delle talvez nada reste sob o peso das camadas de terra, sinão um esqueleto desconjuntado, cujas articulações não mais obedecem ás malleabilidades dos movimentos, porém as vibrações possantes de seu excelso espirito, ficaram e estão repercutindo beneficemente nos cerebros desenvolvidos. A continuacão da portentosa obra de Ferrer, tornará sua memoria indelevel através futuras gerações.

Hoje nem amanhã não se irá render as homenagens que se prestam aos grandes generaes, pois estes só sabem, inutilmente, ceifar vidas, com uma atrocidade extraordinaria, enquanto que Ferrer inimigo acerrimo da ignorancia e do cretinismo, appareceu na arena do combate, confiante, grande e soberbo, para extinguir esses erros tristes e prejudiciaes, que, infelizmente, caracterizam todavia grande parte da humanidade, fazendo-a enveredar por uma trilha de amarguras, de perversões e de infelicidades, para orientala no caminho do bem, do supremo bem, da suprema perfeição, pois para isto, sabia e previdentemente soubera Ferrer preparar a seara; abateram iniquamente a gigantesca arvore pensando aniquilar tudo que della vinha, mas enganaram-se, a semente espalhada brota e rebenta exuberantemente viçosa, sob a influencia bemfazeja da humidade das chuvas e dos calores de um sol esplendoroso e fecundante.

Avante a obra luminosa, á obra da verdade, a obra da razão que hade exterminar em rapida carreira as aves de rapina, os abutres clericais.

JORGE PINHEIRO GUIMARÃES.

“A Lanterna”

O dia 16 de outubro assignala o primeiro anno de lutas d'A Lanterna nesta phase.

E' tarefa baldada dizer aos que acompanham, com interesse e sympathia, os prelios que sustentamos contra o clericalismo, os sacrificios, as difficuldades, os obices e escolhos que temos encontrado em nossa rota e que tão rudemente experimentaram o nosso esforço e a nossa energia.

Mas, o que é verdade, o que é irrecusavel e iniludivel (dize-

mo-lo sem falso orgulho ou immodestia) é que, durante o anno terminado hoje, ninguém nos viu desfallecer, fraquear deante do inimigo astuto e audaz, cujo predomínio, se não encontrar entraves, comprometterá profundamente o futuro deste povo.

Não temos fraqueado porque a nossa causa é justa, é nobre, é digna. Requer sacrificios e não hesitamos em nos sacrificar contanto triumphe e victorioso seja o nosso formoso ideal.

A Lanterna surgiu, seguro penhor do nosso enthusiasmo, como um grito vehemente de alarma, concitando os elementos liberaes do paiz a unirem-se para batalhar em prol das grandiosas ideias contrapostas ao obscurantismo e á intolerancia clericais.

Expulsos de utros paizes onde sua influencia nefasta se fez sentir durante seculos, a escoria da humanidade, esse ente sem escrúpulos, capaz de todas as infamias e de todos os crimes—o padre—estende por este paiz os seus tentaculos de polvo.

E' elle o inimigo da sciencia, da razão, do progresso; o inspirador de ferozes repressões, o bedebor do sangue dos que tombam victimados pelos seus ideaes, como Francisco Ferrer, o fuzilado de Monjuich.

E' elle quem pretende encarregar-se da educação infantil, para que as gerações nascentes venham, escravizadas ao dogma, embrutecidas pelo fanatismo, garantir-lhe as posições commodas que favorecem o desenvolvimento de sua adiposidade suinesca.

Combate-lo sem tréguas, sem quartel, é illuminar a mente dos povos, é desfazer trevas caliginosas, é preparar caminho suave aos ideaes regeneradores e libertadores da humanidade. Hostiliza-lo a todo momento é impedir as perseguições cruentas, a espolição dos incautos, os abusos e subservencias dos governantes carolas em prejuizo dos dinheiros publicos, é desmascarar a Tartufos e cortar as unhas a Schylock.

E, ao vermos o exemplo das velhas nações, cujo maior empenho no momento é libertarem-se do clericalismo, lepra que lhes corroe e decompõe o organismo, não é possivel deixarmos que esse mesmo mal neste paiz progrida. Já é demais a influencia padresca que soffremos. Impedir o seu augmento é um dever que assiste a quantos amam a humanidade.

E A Lanterna ahi está, na brecha, condensando os desejos e aspirações dos homens livres no Brasil.

Venceu o primeiro estadio de lutas, cada vez mais intensas, e outros muitos vencerá pois que, decerto, não lhe faltarão o apoio e eficaz assistencia de todos os

livres pensadores e homens emancipados deste paiz.

Avante! Salvemos os nossos filhos do contagio venenoso do ensino jesuitico. Destruamos os planos da tropilha clerical. Façamos esboroar o edificio de seus embustes e assentemos os alicerces da liberdade onde outra o dogma se implantou, sinistro e truculento.

Elles se congregam

Andaram por ali, dispersos ou reunidos, cogitando a nós no que propor para melhor e mais astutamente embaixar os seus fiéis, ou em reunião taustosa e publica o que deliberar e ordenar se observe e cumpra, os arcebispos e bispos, os monsenhores e cardiaes, exhibindo-se como arlequins em pavilhões de sarraões e velins provocando palmas e applausos do povo avido de diversões, sedento de espectaculos novos e de musica estridente.

Todos elles ainda rescendem o incenso das arcadas de S. Pedro, polluindo as cruzes d'ouro das sandalias o pó dos pavimentos do Vaticano—trazendo da cidade intangivel o que della já dizia Ulrico de Hutten: ruim consciencia, estomago estragado e bolsa vazia, convencidos de inacreditaveis— a immortalidade da alma, a resurreição dos mortos e a existencia do inferno e vende, que lá, em Roma, se fazia commercio da graça de Deus, das dignidades ecclesiasticas e da belleza das mulheres!

Se isto já se effectuava no tempo do escriptor da Trindade Romana, o que não se dará nestes tempos de depravação universal, de scepticismo, de irreligião, como elles proprios exclamam furibundos dos pulpitos, na sua boa imprensa e em suas pastoraes?

O papado quando sentia vacillando a Igreja e a fé—recorria ao remedio energico dos Concilios, embora nelles tivese de ouvir a phrase sarcastica do Pico de Mirandola, no de Latráo, accusando os desregramentos do clero.

Que extraordinario accidente se daria no seio da Igreja brasileira, ou na consciencia dos fiéis, para esta reunião prelatia apparatusa e regional?

Será para um convite a Pio X vir convalescer nas plagas brasileiras ou abençoar as longas barbas do conego Bourroul?

Ou isso ou a separação da Igreja brasileira da sede de S. Pedro...

Esperamos anciosos o parto da montanha, para o qual já foi convidado um clinico distincto.

REUCLIN.



Maura, o chagal



Ferrer

Para aquellos, que, na humanidade em geral, se estabelecem pelas preocupações elevadas do futuro, para os que sentem forçoso na época presente dirigir sua actividade num ponto de vista philosophico, sem preconceitos absoletos, não ha questão mais grandiosa, cousa mais dignificante que a do ensino.

Iniciando o verdadeiro culto de philosophia scientifica, positiva e racionalista, Socrates, o extraordinario mestre grego, o symbolo inegalavel de todo o insigne pensamento hellenico, fez-se antes de tudo um educador pratico. Moralista, com a summa paixão sagrada da verdade, no meio do dilettantismo mais ou menos smart ou snob já ao tempo em moda, alluciu uma luzidia escola de adolescentes que o seguiam por toda a parte em Athenas, sequiosos de suas preleções gratuitas.

Deblaterou contra os sophistas; pôde arrostar a antipathia incongruente e mofina no theatro de Aristofanes e proclamou-se pela pythonisa de Delphos o mais sabio dos homens do seu tempo. Mas, perfilhando o principio oracular do —*Conhece-te a ti mesmo*— e indo como elle construir a profunda ethica em que os fatores intellectuales sobrelevam incisamente os sentimentales, tornando-se dest'arte, como no-lo assignala Frederico Nietzsche o não mystico especifico e promovendo assim a mais prodigiosa revolução da intelligencia, Socrates terminou no episodio sinistrose sublime da pena da cicuta por ser accusado — um corruptor da juventude.

Quando o mais moderno e influente dos grandes pensadores, esse difficil e cuorme Nietzsche, relacionando-se com a seductora e intelligentissima Lan Salonú e procurando captar-lhe o coração e a alma através seus escriptos de literatura, de philosophia e de moral, indicou-lhe como de melhor valia, num interesse voluptuoso de apaixonado ardente, a sua produção de pedagogia critica: *Schopenhauer como educador*. E o proposito tão carinhosamente acalentado pelo autor da *Vontade de poder* de fundar uma colonia ideal, um claustro moderno, uma universidade livre ou escola dos educadores — é uma prova mais certa com outras do quanto lhe foi nitida a comprehensão da relevancia excepcional do problema da educação.

E-se entre esses dous polos da historia do progresso da mentalidade humana, que é igual mente, a historia de suas successivas emancipações, nós rebuscamos os seus nomes maximos—os Rousseau ao lado dos Kant, Diderot ou Comte, Herbert Spencer —ve-los-emos sempre no accordo da maior magnitude do ideal de ensinar, de adestrar as novas gerações.

Esse foi sempre e será cada vez mais o assumpto, a incumbencia primacial dos trabalhadores da civilização.

Ahi a obra mais fecunda, ahi a maior gloria. E' então que o homem attesta a sua divina superioridade intervindo conscientemente no aperfeiçoamento dos attributos melhores da especie, preparando quicá uma outra — a superhumanidade do Zaratustra...

II

O ultimo seculo legou nos os dous grandes movimentos sociais do liberalismo e do socialismo. O primeiro, oriundo do soberbo lance operado pelos encyclopedistas no seculo anterior, veiu ter na democracia burgueza. O segundo, desdobramento desta, é o sonho internacional de emancipação do proletariado.

Um proclamou a soberania popular contra a do rei, a soberania da razão, contra a de Deus.

O segundo, muito mais radical, quer a soberania do merito, isto é, do trabalho, contra a soberania ficticia do papel-moeda, da

ociosidade, da burla e da petulancia.

Intensificaram-se e vieram a confluir; é o anarquismo.

Proudhon systematizando-o, Bakunine impellindo-o, Kropotkine estabelecendo-lhe as bases na alta zoologia e na historia da civilização, Reclus illustrando-o com seu bello talento latino, a doutrina apurou-se e robusteceu-se. Porém, não pôde ainda ou pôde mal e pouco eximir-se ao labeu exquisito de aspirar á desordem, ao nada...

Estranha gente, de facto, a que consagrou os seus esforços todos á extinção, summaria, das sociedades...

Comtudo, esses loucos presumidos ou presumiveis, os libertarios, os acratas, não foram internados nos manicomios. Desejo das autoridades competentes ou adopção do regimen do open door... Como quer que seja, resultou que as repudiadas e desconhecidas ideias continuaram a ser sementeas e a germinar.

Avolumou-se uma nova literatura sociologica; pulularam jornaes; constituiram-se por todo esse mundo afóra, syndicatos vermelhos, nucleos de resistencia dos despotismos, onde se cultivava o desdem pelos parlamentos...

Falam-se mais, nas federações de miseraveis obreiros, em fatura,, em paredes, em reivindicções... Percebendo-se que a organização Estado deverá dar logar á organização syndicalista, empenharam-se todos, como se empenham, em sustentar a propaganda e as associações profissionais.

Mas, desgraçadamente, o primeiro principio da solidariedade universal, continúa a ser antagonizado pelo nacionalismo guerreiro e o atheu livre pensador esbarra a todo passo com o prestigio official do catholico militante... Aperfeiçoam-se as classes armadas e o respectivo material, destruidor na intenção, posto que vivamente decorativo, na realidade.

No mesmo desprezível latim o papa destróe os ocios escrevendo os seus anathemas nas encyclicas innocuas; Guilherme II, o omnimodo, também sobrecarregado de ocios que lhe permittem as tendencias pacificas dos seus cordeiros, já não sabe como evitar o tedio do D. Quixote serodio e resolve fazer versos para as crianças... A Arte mesmo põe á margem os temas sociais e pretende fazer-se por si e para si...

Em summa, mau grado a campanha accesa pelos novos ideaes, os preconceitos torpes guardaram a adhezão mais ou menos inconsciente dos preguiçosos de intelligencia, que não são poucos. Lado a lado, pois, as duas grandes correntes— a conservadora e a innovadora— põem-se em constantes riscos de atritos, choques e explosões fragorosas.

Vejam, num relance singelo, a titulo de commemoração da data, uma dessas typicas manifestações do estado actual dos espiritos na porção mais civilizada do planeta —um signal dos tempos.

III

Na tragedia terrivel de Barcelona, o anno passado, os tres mais nefandos elementos de opressão, os tres fatores maiores de atraso e de retrocesso na actualidade — o capitalismo, o militarismo (inclúa-se o patriotismo) e o clericalismo, — num significativo e assustador accordo, entenderam-se, confundiram-se, beijaram-se...

Sabe toda a gente hoje que a origem do espontaneo movimento insurreccional da Catalunha foi um protesto natural contra a guerra aos mouros. Esta, o proprio Maura resolveu a custo. Prevenido porém, pelos capitalistas poderosos interessados nos negocios das minas marroquinas, elle chamou em seu soccorro os militares, que com pouco se persuadem da necessidade, do dever até de matar os outros, a bem

REBELLIAO



Com gemidos agoureiros,
Num pavoroso lamento,
Lá fóra perpassa o vento,
Chicoteando os pinheiros;
E a noite caliginosa,
De uma tristeza superna,
E como a bocca monstruosa
De uma monstruosa caverna.

Chove. O arvoredo farfulha.
Soturno o trovão ribomba
Como longinqua metralha.
Depois o silencio tomba.
Pavido e tremulo escuto,
Mergulho a vista lá fóra
E vejo a terra de luto.

E oiço uma voz que apavora
Como um vago murmúrio,
Mansa a principio illa ecoa,
Depois é um grito bravio
Que pela noite reboia,
Que para a noite se eleva
Num pavoroso transporte,
Como um soluço da treva
Como um fremito de morte.

Essa voz cheia de ameaças,
De imprecções e rugidos,
E o clamor das populações,
E a voz dos desprezíveis.
Medonha, relutante e rouca,
Vem desse mundo sombrio
Dos que tritam de frio
E não têm pão para a bocca.

Vem das lobregas choupanas
Onde em tarinbas sem nome
Ha criaturas humanas
Agonizando com fome;
Vem da cloaca deleteria

Em que a Justiça comprime
Esses que a mão da miseria
Poz no caminho do crime;

Do quartel — açougue enrrme,
Onde á espera da batalha,
Morta de fadiga dorme
A carne para metralha;
Dos hospitaes, dos hospícios,
Das tascas onde resona,
A groy de todos os vícios
Que a miseria proporciona.

Ah! nesse grito funesto,
Nesse rugido palpita
Um rancoroso protesto.
E' o povo, a plebe maldita,
Que sombria, ameaçadora,
Nas vascas do sofrimento,
Mistura aos nivos do vento
A grande voz vingadora.

Tremei, vampiros nojentos,
Tremei nos vossos dourados
Falacetes opulentos!
O sangue dos desgraçados
Sugai, bebei gota a gota,
Não tarda que chegue o instante
Em que a turba se levante
Sedenta, faminta e rota.

E quando com. ce a luta,
Quando explodir a tormenta,
A sociedade corrupta,
Execravel e violenta,
Iniqua, vil, criminosa,
Ha de cair aos pedaços,
Ha de voar em estilhaços
Numa ruina espantosa.

Ricardo Gonçalves.

dos interesses da nação, da patria... Assin, as labias politicas, com relativa presteza, transformaram a questão de *financiera* em nacional. E para que no exercito não ficassem muitos claros— isto deslustraria o brilho das proximas manobras — decretou-se o chamamento das reservas.

Ora, um, irreprehensivel refluxo de indignação — a revolta da desaffronta — lavrando na consciencia dos honestos, dos dignos, dos desprezidos que compõem essa massa compacta e amorpha que se chama — o povo — inspirou-lhes a defesa pela gréve geral. Fez-se, portanto, a parede. Subitamente, a situação se revelou sombria e nojenta. Arderam documentos e igrejas ás dezenas, os serviços publicos de Barcelona paralyzados, a multidão cohesa.

Nesse paroxysmo, os scldados — da guarda civil, da policia e do exercito — não abalavam. A soldadesca, desarvorada, assistia a tudo aquillo como espectadores passivos.

Mas a revolução, planeada sem longos preparativos de chefes conduzida e de afogadilho propagada, tinha de abortar. Os seus iniciadores não recebiam noticias favoraveis de outras cidades da Catalunha e na perspectiva de um bombardeio duplo — por mar e por terra, de uma horrorosa carnificina, entenderam prudente abandonar a luta — a mal menor.

Começam então a vingança.

Perseguições de todo o jaez, repugnantes expedientes de reaccionarismo.

E é quando, nas sombras, nas trevas onde também se lhes sentam as almas, o jesuitismo coeia e se assanha... Logo e logo, pululam os protestos da carolice contra a imprensa *sectaria* e os costumes maus dos tempos modernos, e um bispo parvo insinua ao governo, numas entrelinhas sonsas o castigo exemplar aos inimigos da Igreja — «esses partidarios das escolas sem Deus...»

Naturalmente, ao recordar-se do logro de 1905, extenuaram-se os clericas em aproveitar o ensejo sobreindo de eliminar o homem cruel cujas escolas pelas regiões catalãs se enchiam com prejuizo manifesto da causa das congregações...

No meio do clamor internacional, aturdindo os ouvidos desde a Persia até ao Brasil, consummou-se o mais revoltante, o mais nojento, o mais canalha de todos os attentados que a historia da humanidade pudéra registrar nos seus fatos ensanguentados.

**

Inutil determo-nos em mais uma descripção estrizada — (afinal ociosa porque Francisco Ferrer é já um immortalizado) — dos acontecimentos desenrolados após o fuzilamento do Montjuich, desde a demissão immediatamente solicitada por vinte consules hespanhoes, até ás pedradas no *Jornal de Commercio* do Rio de Janeiro.

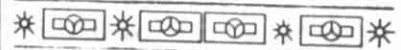
O que resulta, ou vai restar de tudo isso é um avanço firme na via de progresso, nesse innegavel evoluir para a felicidade.

Felicidade que se exprime, se contém e se concretiza no ideal do ensino racionalista sonhado pelos genios humanos que vão de Socrates a Nietzsche e ao qual Ferrer concorreu superiormente, incomparavelmente com a sua immortaladura Escola Moderna.

Sendo assim, mau grado o espirito retrogrado, pretencioso, e vão, procurar, mal e mal, fazer-se sentir, estamos e ficaremos para nossa honra de homens civilizados, na época do FERRETRISMO.

PAULO COSTA.

Rio, 910.



O ensino racional

Nada mais opportuno e necessario na inauguração de uma escola racionalista, do que determinar e precisar este genero de ensino, dado o meio em que vivemos.

Em uma sociedade racional, perfeita e justa, poderia falar-se de ensino, dispensando-se a classificação; porém, na sociedade em que vivemos, o ensino é naturalmente tradicional, e por isso mesmo, essencialmente estacionario e anti-progressivo.

Quanto amam o progresso e aneiam pelas reparações justiceiras que o futuro nos promete, necessitam preparar a infancia para uma educação nova, que rompa a cadeia dos erros tradicionais, e fortifique a intelligencia com verdades, para que as gerações vindouras dêem no decurso da vida o fructo que legitimamente pôde esperar-se da natureza humana.

Nada mais expressivo e adequado como estas duas palavras: *ensino laicalista*.

Têm-se falado do ensino laico; esta classificação só dá ideia de que se não trata duma educação feita por religiosos; analysando bem essa classificação é desnecessaria, porque em Hespanha a generosidade do magisterio, outrora, e na actualidade, era exercida por leigos que ensinavam o catecismo.

O laicismo, teve razão de existir em paizes como a França, onde estava a cargo do clero na generalidade, e ao emancipar-se o ensino da tutela ecclesiastica, foi necessario qualifica-lo de laico.

Têm-se falado também de ensinar tudo; raciocinando, porém, vemos que é impossivel, por difficuldades do meio, cumprir o programma em sua integridade. Este ensino está reservado a ser o ensino do futuro pelos grandes meios que a sociedade scientificamente regenerada facilitará, mas, além de integral, também será racionalista e é nesta concepção que todos os que trabalham pela educação racionalista, tomam posse do futuro a partir do momento actual.

Ha também quem fale do ensino neutro.

Contra este é preciso protestar energicamente em nome do respeito que a infancia nos merece. Neutralidade entre o erro tradicional e a verdade scientifica suppe um equilibrio impossivel entre as crenças que se vão desvanecendo a cada instante e os conhecimentos que incessantemente avançam; á sua impossibilidade ha a juntar a injustiça de inculcar nas crianças o mesmo respeito pelo erro e mau, como pelo verdadeiro e bom. Que professor accetaria tal vilteza? Pela dignidade do professorado, como pelo amor á infancia, é preciso recusar o ensino neutro.

Enganam-se os pais ou quem deseja que os professores sejam neutras com seus filhos; não ha neutralidade possivel entre o erro e a verdade, e o mestre que a accetasse seria indigno da profissão; porque não ensinando o erro — o que em si não é immoral se se crê com boa fé — ensinaria a mentira. Esse homem tornarse ia um embusteiro.

Não, não é possivel conservar tal neutralidade em uma escola honrada e leal. Dessa neutralidade só seriam capazes os professores que não têm noção do seu mister, ou os que antes de mais nada attentam na cobrança das mensalidades.

Conclui-se, pois, que a escola laica é insufficiente, que o ensino neutro é indigno, e o ensino integral é, por enquanto, impossivel; resta a educação racional como a unica util e pratica.

Ensino racionalista, quer dizer, o ensino que tem como meio a razão, e como guia

a sciencia; como esta ainda não disse a ultima palavra sobre qualquer assumpto, resulta que o ensino racionalista não tem programma fixo. Pelo contrario.

Ao ensinar todos os dias os phenomenos physicos do universo e sociaes da humanidade, fa-lo com a especial reserva de que só tem merito o que está comprovado, o que os sentidos admittem e a experiencia sanciona.

O ensino racionalista tem por fim ensinar todas as verdades experimentaes, por contrarias que sejam ás ideias admittidas anteriormente; terá sómente em conta a idade da criança para graduar as phasas do ensino, para que seu tenro cerebro receba facilmente cada nova impressão que haja de conservar. Nunca será enganada, nem se dirá nada que ella não possa comprehendere.

Um caracteristico peculiar distingue a escola racionalista: a coeducação dos sexos. Sobre este ponto hei de fixar a vossa attenção. Todos os pensadores livres reconhecem que a mãe é a primeira e principal educadora da criança. Observa-se ao alumno que a mulher considerada como inferior ao homem, privada geralmente de instrução e reduzida a systematica ignorancia, não ensina a seu filho mais do que os erros tradicionaes que constituem o seu repertorio intellectual. Assim vemos como o clericalismo se ufana com o dominio da consciencia da mulher. Na escola reacionalista, junta á criança, que a respeita e trata com delicadeza infantil e maternal, a menina, a futura mãe, a primeira educadora de seus filhos, livra-se do erro, aprende a verdade, fica em condições de desempenhar funcções sociaes importantissimas, não inferiores ás do homem, porque este se muito vale por si só, a mulher representa tantos homens quantos filhos tenha, e ainda a liberdade do seu esposo, a quem obrigará a não ser do seio da familia diferente do que é entre os amigos.

Taes são as manifestações que, como tributo offerecido ao ensino racionalista, me havia proposto expôr neste acto.

SOLEDAD VILLAFRANCA.

FERRER

Ha um anno, no dia de hoje, nos fossos da execranda fortaleza de Montjuich, foi Francisco Ferrer sacrificado ao jesuitismo, como onze annos antes, nos campos de Bagambayan, em Manilla, o fóra também outro grande espirito — José Rizal.

O sangue do martyr começou a obra da libertação da Hespanha.

Mal elle cahira varado pelas balas assassinas, lançando num ultimo grito — «Viva a Escola Moderna!» — um dezaño ao jesuitismo, e Maura, o feroz discipulo de Loyola, diante da execração e dos protestos do mundo civilizado, teve de abandonar o poder nas mãos dos liberaes hespanhoes, chefiados por Canalejas, que vai corajosamente dando combate a clericalinha assassina.

O sangue do martyr está remindingo o crime do povo hespanhol, que tantos seculos supportou o aviltante dominio dos roupetas.

Nós, homens livres, livres-pensadores, adversarios de todas as religiões, emancipados de todo e qualquer principio dogmatico, religioso ou sociologico, hoje, como ha um anno, curvamos-nos respeitosos ante o nosso grande martyr, e sobre o seu tumulo, espargimos flores rubras como o sangue generoso que elle offereceu em holocausto á liberdade de pensamento e á emancipação humana, e, hoje como hontem, estamos firmes no nosso posto, trabalhando pela libertação dos povos das garras infames do jesuitismo.

Infelizmente, porém, quando o jesuitismo alça a frente e é capaz até de lançar-nos como um desafio o corpo de um dos nossos fieis companheiros; liberaes ha que só têm coragem de manifestar as suas opiniões no recesso do lar ou no convívio dos amigos, e que, criminosamente, vão fazer numero nas forças dos religiosos, assistindo missas de setimo dia e quejandas solemidades do culto catholico;



ANTONIO JOSÉ, O JUDEU, POETA BRASILEIRO QUEIMADO PELA INQUISIÇÃO

que cortejaram Clemenceau—que, presidente do conselho se recusou a tomar parte nas exequias religiosas dos marinheiros do Jena—sentiram-se talvez orgulhosos do aperto de mão que lhes deu o ex-presidente do conselho, da França, e, amanhã, serão capazes de ir ineptamente beijar as mãos do cardeal jesuita D. Joaquim Arco Verde.

Disse algures um escriptor que entre nós é uma infecção o virus catholico portuguez, e disse uma verdade.

Na França, na Italia, na Alemanha, na Hespanha, na Inglaterra, na Argentina, aquelles que se dizem livres-pensadores não tomam parte, em hypothese alliguma e em nenhum caracter, em solemidades religiosas.

Aqui, quando se realizam missas de setimo dia em suffragio de certos graúdos, é infallivel no dia seguinte, encontrarmos nos jornaes nomes de muitos que se affirmam irreligiosos e livres-pensadores e que a ella comparecem, como si não pudessem dar provas de amizade e consideração á familia do morto por outra forma.

Somos poucos os intransigentes, os que sabemos cumprir o nosso dever.

Trabalhem, lutemos, e, num futuro não remoto, faremos os tibios seguir os nossos exemplos, e o do grande companheiro de lutas — Francisco Ferrer—ha um anno assassinado pela clericalinha.

BENJAMIN MOTA.

O ensino racionalista pode e deve discutir tudo, facilitando á criança a larga via da investigação para que ella possa perceber, após maduro exame, as origens não só da terra e do homem mas de todos os males que affligem a humanidade: guerras, tiranias governameataes, capitalistas e patronais.

O ensino racionalista deve formar individuos conscientes do que são e de tudo que os rodeia, para que, em consequencia, procedam sempre segundo os conselhos da sua razão e como o reclame o seu bem-estar.

O ensino racionalista não nega, nem afirma coisa alguma que não seja demonstravel segundo a sciencia, que não seja comprehensivel ao raciocinio humano e demonstravel com a maior evidencia.

FRANCISCO FERRER.

Antonio José, o Judeu

Andava Antonio José trabalhando na sua comedia *Precipicio de Phatonte*, quando foi preso pela segunda vez nos carceres do Santo Officio a 5 de outubro de 1737, pelo Monteiro Mór Inquisidor Theotónio da Fonseca Souto Mayor. Sua mulher Leonor Maria de Carvalho foi presa no mesmo dia pelo familiar do Santo Officio o conde de Athouguia. Lourença Coutinho, mãe de Antonio José, e viúva havia pouco mais de um anno, foi presa pela terceira vez a 12 de outubro do mesmo anno. O motivo desta prisão repentina de uma familia arremessada impudentemente ás garras da voracidade e intolerancia religiosa, foi devido á delaçãoção de uma escrava que Lourença Coutinho trouxera do Brasil, chamada Leonor Gomes. Talvez induzida pelos padres inquisidores para expiar a familia a quem servia, sendo de uma vez fustigada por sua ama aproveitou o ensejo para saciar a sua raiva. Leonor Gomes também foi encarcerada com a familia a quem servia, mas a sua estupidez ficou de tal forma aterrada com a escuridão da masmorra e lembrança da fogueira, que a miseravel negra morreu tranzida logo a 11 de maio de 1738.

Eis ahí temos o desgraçado poeta, de trinta e tres annos de idade, perdido para sempre entre o fanatismo que se serve das intrigas e odios secretos para alimentar a sua sede de sangue. Seguro da innocencia, Antonio José mal suspeitava a sentença que o esperava; accusavam-no de judaizante, e elle dava para testemunhas da sua religiosidade, o padre Antonio Coutinho, da ordem de S. Domingos, frei Luiz de São Vicente Ferreira, da mesma ordem e frei José da Camara, também dominicano! Abonava-se com o padre mestre frei Diogo de Pantoya, da ordem da Graça, com Bruno de Almeida, mestre de ceremonias da Patriarchal, e irmão do antecedente, com o dr. Jeronymo da Silva Araujo, juiz de fóra de Alter do Chão. Justificava-se com a ama de sua filha Lourença, com a sua preta, com o sapateiro que trabalhava na sua escada, com toda a vizinhança. Vejamos as grandes torturas moraes, que d'aquí até o momento em que foi estrangulado, lhe fizeram supportar os ministros do crucificado.

Em primeiro lugar, deram-lhe um companheiro de carcere para espiar os seus movimentos; chamava-se José Luiz de Azevedo, que veio habitar na mesma enxovia em abril de 1738. Não existe o seu processo donde se pode logicamente inferir que era um supposto preso, que estava ali para o delatar no julgamento, como depois aconteceu. A 10 de setembro foi José Luiz de Azevedo substituido por Bento Pereira, soldado de cavallaria dos Dragões de Beja, então aquartelados em Santarém, e pertencente á companhia do capitão Mathias Pinto. Bento Pereira serviu melhor os intentos da Inquisição com a sultura com que nas instancias denuncia conhecidos e desconhecidos, proximos e remotos. O modo como servia a

traição inquisitorial, está na indulgencia com que este tribunal pouco compassivo o tratou, dando-lhe a liberdade no mesmo dia da morte de Antonio José.

A tudo isto accrescia sua mulher Leonor de Carvalho, sob a pressão do terror, ter dado ao mundo na masmorra um segundo filho; sabe-se desta circumstancia pelo seu processo. E' de crer a acção deprimente que estas coisas exerciam no animo de Antonio José; mas os espiaes como o surpreendiam sem vontade de comer, disto mesmo tiravam motivo para o accusarem ao Tribunal sanguinario.

A testemunha n. 20, Antonio Gomes Prego, declarou mysteriosamente que o réo era pallido, mas não obstante, estava bem disposto e podia comer se quizesse. A testemunha 22, João Gomes da Costa, também fala da sua pallidez, mas sem alma para apresentar a origem della, declara igualmente que o réo estava bem disposto. A delaçãoção dos Familiares do Santo Officio revelam a dura espionagem a que o infeliz estava exposto: a 4.ª testemunha, o Familiar Antonio Gomes Esteves diz que Antonio José rezava as Ave-Marias de joelhos, e se benzia, e que ao acabar de comer tornava a benzer-se dando graças; a 6.ª testemunha, o Familiar Antonio Baptista, depóz o mesmo. A 8.ª testemunha omite a circumstancia de dar graças depois da comida; a 10.ª testemunha, o Familiar Antonio Esteves Ribeiro, traz grandes motivos de criminalidade: diz que Antonio José pegou numas Horas e não leu, que deu graças com pouca demora, e não depois de comer! A testemunha 19, Felipe Rodrigues, diz que o desgraçado estivera de joelhos, virado para a porta do carcere, e beijara o chão por tres vezes. O infame soldado Bento Pereira, que estivera no mesmo carcere desde setembro de 1738 até fevereiro de 1739, não se peia de dizer que Antonio José jejuava judaicamente, que o incitára a não rezar nas contas, que o acompanhava apenas só quando rezava as Ave-Marias, que cuspiu algumas imagens que ha no carcere, e que não comia carne. Eis todos os crimes que o Santo Officio com o seu processo de traições secretas e impunes pôde apurar para justificar a degolação deste homem.

Antonio José bem sabia a que torturas estavam também expostas sua mulher e sua velha mãe.

Leonor de Carvalho, foi submettida a perguntas só no fim de quatro mezes de prisão. Desde 5 de outubro de 1737 até 30 de setembro de 1838, gemeu a pobre creatura nas trevas e humidade de um carcere, sem saber porque nem para que estava ali. Admoestada e perguntada, respondeu a tudo com uma negativa formal; interrogada novamente a 15 de fevereiro de 1738, sustentou a negação sendo por isso no libello declarada hereje, apostata, negativa, pertinaz, impenitente e relapsa!

Tudo crimes por não dar lenha para a queimarem. Foi posta a tormento corrido a 10 de outubro de 1739; Lourença Coutinho também fóra submettida á tortura a 28 de setembro deste mesmo anno.

Os que por qualquer fatalidade caiam nos antros do Santo Officio nunca sabiam o dia em que eram sentenciados.

Antonio José, apesar da consciencia da sua pureza, presentiu a catastrophe; os amigos que lhe poderiam valer fiavam-se também na sua justiça.

Na tradição corre que o proprio d. João V se empenhou de balde para salvar o desgraçado. A Inquisição não podia deixar escapar-lhe a preza; os tonsurados lembravam-se da irrisão a que ficaram expostas as suas theses academicas.

Os commentarios de Aristoteles queiriam uma nova victima. Isto comprehendese quando se vê o esplendor dos ultimos restos do Aristotelismo no Collegio das Artes no seculo XXIII, a que hoje se chama, por causa da sua fecundidade unica na Europa, *Philosophia Conimbricensis* (1).

No auto de fé celebrado na igreja de S. Domingos de Lisboa, a 18 de outubro de 1739, leu-se a Antonio José a sua sentença, em que a Inquisição o relaxa ao braço secular «pedindo com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte nem effusão de sangue.»

Tartufos miseraveis! ao mesmo tempo que se acobertam com estas palavras unctuosas, amarram-lhe os braços, e dão para o companheiro da ultima hora, e para tratar da salvação da sua alma um jesuita chamado padre Francisco Lopes.

Quando o desgraçado poeta via que deixava no meio da catastrophe sua mu-

lher e filhos e mãe, punham-lhe ao lado um fantasma a proferir como um automato banalidades frias e insulsas, a impedir-lhe o ultimo instante de realidade, e abafá-lo com o pesadelo escuro, antes de cair no queimadeiro.

Tinha razão o poeta pessimista que considerava o homem como lobo do homem.

Antonio José ouviu ler as sentenças de sua mulher e de sua mãe, que as condemnava a carcere a arbitrio. Em um documento impresso, citado pelo sr. Innocencio, que se intitula: *Lista das pessoas que saíram condemnadas no auto de fé, que se celebrou na igreja de S. Domingos de Lisboa, no domingo, 18 de outubro de 1739, sendo inquisidor geral Nuno da Cunha, se lê:*

* Pessoas relaxadas em carne:
* N. 7. Idade 34 annos. Antonio José da Silva x. n. (2) advogado, natural do Rio de Janeiro, e morador nesta cidade de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de Judaismo no auto de fé que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos desta mesma cidade, em 31 de outubro de 1726.

* Convicto, negativo e relapso.

* Pessoas que não abjuraram nem levam habito.

* N. 5. Annos de idade 27. Leonor Maria de Carvalho, x. n. casada com Antonio José da Silva, advogado que vai na lista, natural da villa de Covilhã, bispado da Guarda e moradora nesta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpa de Judaismo no auto de fé que se celebrou na igreja de S. Pedro da cidade de Valladolid, reino de Castella, em 26 de janeiro de 1727: presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio.

* N. 6. Annos de idade 61 Lourença Coutinho, x. n. viúva de João Mendes da Silva, que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro e moradora nesta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpa de Judaismo no auto de fé, que se celebrou no Rocio desta mesma cidade em 9 de julho de 1873; presa terceira vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio. (3)

Ainda em 1713 os autos de fé eram celebrados no Rocio, em Lisboa, hoje praça de D. Pedro; em 1726 faziam-se já as ceremonias de procião, sermão, etc., na igreja de S. Domingos, e os que eram entregues ao braço secular, iam levados dali para o Terreiro da Lã onde estava a Forca.

Antonio José foi condemnado por judaizante, mas não como judeu, sendo por esse motivo amarrado sobre um poste, degolado antes de se lançar fogo á lenha, e depois queimado.

Theophilo Braga.

(2) X. n. quer dizer christão novo.
(3) Inn. Dioc. Bibl. t. I. p. 167.

La Cierva, o assassino



O numero 54 da «Lanterna»

O numero 54 da nossa folha sairá no sabbado, 22 do corrente. Em substituição ao numero de sabbado, 15, que não sai devido ao grande trabalho com a manifestação de hoje e com a enorme expedição deste numero, publicaremos um outro extraordinario na Semana Santa.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:
Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166;
CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;
Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).
Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate).
RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.
Na rua do Senado, 63.

(1) Frank, *Dictionnaire de Sciences philosophiques*, V, 101

SUPERSTIÇÃO RELIGIOSA

A vida psychologica das multidões é cheia de erros e superstições.

Essas superstições, que todas reunidas formam todo um conjunto podem distinguir-se pelo proprio modo de ser e especificar-se em

- a) — Superstições moraes;
- b) — Superstições politicas;
- c) — Superstições religiosas.

Seria interessante um estudo detalhado de cada uma dellas, dando a cada uma o lugar que occupa, em relação de uma com as outras, nesse organismo que se chama MENTIRA, em volta do qual o homem inconsciente se curva e raspeja como o peior dos irracionais. Todavia, como o espaço é limitado, só tratarei das superstições religiosas, o que, aliaz, está em conformidade com a índole exclusivamente anticlerical deste jornal.

**

Em geral, o povo tem ideias e preconceitos em absoluta contradicção com a ordem natural das coisas. Imaginam coisas inverozíveis que nunca poderiam acontecer. Cê em tudo que é absurdo, monstruoso, fantastico.

A verdade o envergonha. Os factos explicados pelas leis inherentes á natureza, a vida tal como ella é, ó horroriza. Tudo quanto é natural entende que é obscuro e deshonroso. Só considera verdadeiro e honroso o que é sobre-natural, o que não comprehende, o que é absurdo.

O povo crê na existencia de entidades superiores, sobre-naturaes, habitantes de um mundo superior ao nosso, que podem de qualquer maneira influir na vida e nos factos da sociedade que elle constitue, factos que são o resultado das acções individuaes e collectivas de todos os individuos que a constituem; e não é só isto, crê na existencia de um ser todo poderoso que dirige a vida na terra em todos os movimentos, em todos os phenomenos, em todas as coisas.

Poderia fazer ver como a acção dos santos na vida social desviaria os factos do caminho que o todo poderoso teria determinado...

Não vale a pena... Se fossem verdadeiras as crenças populares, eu diria que todos os santos que fizeram milagres, favorecendo este com uma cura, aquelle com protecção, aquelle outro com riquezas, são todos criminosos por terem desfeito o que Deus havia feito. E por esta razão estariam no inferno protectores e protegidos...

Mas não é disso que se trata.

**

Quasi sempre ouço dizer: "graças a Deus...", "se Deus quizer...", "queira Deus...", e outras exclamações mais ou menos semelhantes.

Segundo elles, sem Deus querer, o sol não illuminaria a terra, a materia seria inerte, ninguem teria que comer, nem forças para trabalhar, os homens engulir-se-iam uns aos outros, enfermidades terribes acabariam com todos.

Tal crença constitue o fundamento da religião popular. E os padres, erigidos em guias das ideias religiosas do povo, procuram desenvolver essa crença ajuntando-lhe o resultado das suas imaginações terribes. Fazem-se crer intermediarios entre a terra e o céu; entre o natural e o sobre natural; entre os entes divinos e immateriaes e os inferiores materiaes; entre os mortuos e os immortaes; entre as entidades finitas em relação com o infinito. A sua missão é a de manter uma relação de dependencia, de submissão e obediencia nos entes da terra com suppostos entes superiores, habitantes de um mundo que só existe na imaginação dos seus inventos.

E' claro que os padres inventam toda essa trama para dominarem soberanos na vida moral e material das multidões. Porque sendo a vida na terra uma consequencia directa desse ente fantastico que seria causa de todas as coisas, e

A familia da Escola Moderna



Na primeira fila, da esquerda para a direita, são: Maria Foncuberta, a menina Alba Ferrer, Soledade Villafranca, Maria Lorenzo, Francisca Concha e Flora Lorenzo. Na segunda fila Mariana Batlliori, Alfredo Meseguer e Cristovam Litran e, por ultimo, na terceira fila, José Ferrer, José Villafranca, Anselmo Lorenzo e Damasio Vicente, porteiro do Centro Republicano.

tendo elle, representantes que fizessem pôr em execução a sua vontade, é evidente que toda a gente deveria obedecer-lhes.

Notemos de passagem que o facto de haver quem pudesse desobedecer á vontade do todo poderoso pôe seriamente em duvida a existencia de Deus, pois que constitue formal negação da sua omnipotencia.

Uma pessoa enriquece? Não foram os obreiros do braço e da intelligencia que lhe deram a riqueza, mas foi o todo poderoso que lh'as atirou de lá do céu.

Um bandido endinheirado attinge as culminancias do poder? Não foi devido ao reclame dos mercenarios da penna comprados com o dinheiro extorquido ao povo, mas foi o todo-poderoso que o elevou a supremo despota da vida e dos haveres do povo, em recompensa da sua brilhante virtude. Todos os jornaes dizem que elle é um santo e um bom e os bons leitores acabam por se convencer de que é verdade.

Ha uma epidemia que ceifa milhares de vidas? Não é devido á falta de hygiene, ao clima, á alimentação, á ignorancia, ao contagio, etc., mas é a vontade do todo poderoso que quiz castigar as culpas de alguns herejes que duvidam ou não procedem de accordo com a sua lei.

Um terramoto abala a terra ou morre uma pessoa querida da familia? Em tudo isso não ha coisas naturaes: é o todo poderoso que assim determina... Elle sabe o que faz.

Uma pessoa qualquer adoce? "Ah! Meu Deus!... o que eu fiz para ser castigado assim!", e outro: "Meu Deus! por piedade não me façais andar na miseria!"

O bandido que assalta o viandante na estrada, o ladrão que arromba uma porta, o politiquero que avança impunemente nos cobres do povo, o ambicioso que quer enriquecer a todo o custo e viver com o soffrimento dos outros sem trabalhar, o guerreiro que quer ver o seu nome gravado na historia a custo do destróio selvagem de milhares e milhares de vidas, toda essa immensa familia humana que a todo o custo procura fazer mal a si mesma, todo esse conjunto de seres que só ambicionam praticar o mal para os outros e o bem para si, todos invocam a protecção do ente todo-poderoso, e na falta deste, dirigem-se aos seus subalternos para serem auxiliados nos seus negocios bem pouco limpos. E depois do facto consummado só resta aos vencidos curvarem-se á omnipotencia da vontade divina. "Deus dá muito a uns e nada aos outros" — dizem

os vencidos. Mas curvam-se e calam-se, por ser a vontade d'Elle.

**

E' preciso convir que em tudo isto ha uma grande mystificação. E' verdade que uma pequena maioria mais instruida do povo tem pouquissima fé nessas patacoadas, isto é, na intervenção de entes sobrenaturaes na vida dos individuos e das sociedades, o que demonstram quando lançam mãos de individuos inconscientes, fazendo uso das suas forças para os seus fins inconfessaveis.

Porque então não é o poder do infinitamente sabio que entra em acção, mas a força cega de seres ignorantes e brutos.

Não obstante isso, a grande maioria popular continúa crendo que todos os factos da vida social sejam determinados por uma infinita sabedoria divina. E não só neste ponto como também no dominio da pathologia, da botanica, da meteorologia, etc., dominam as mesmas mystificações, os mesmos usos, os mesmos enganos, as mesmas mentiras.

O povo vê um Deus dando ordens á chuva, á tempestade, ao raio, ao vento, ao sol, á lua, á terra e aos mares, aos vulcões e catastrophes, aos governos, aos povos, ás guerras, ás doenças, ás desgraças, á miseria e á riqueza, á fecundidade e á esterilidade do sólo e das plantações. E não são poucos os que crêm que Deus lhes dá de comer, lhes dá saúde e riqueza, poderio e consideração e a outros soffrimentos e misérias, trabalho e privações, oppressão, despresio e deshonra.

O meu gosto seria, que todas as pessoas que crêm que ha um Deus que lhes dá de comer, que deixassem de comer o que os outros produzem, esperando que o bom Deus lhes mandasse tudo de que precisam pelos anjos celestes; que toda gente que crê que tem saúde porque Deus quer, que esperimentasse a tomar um veneno para ver o poder de seu Deus; que toda gente que crê no milagre ou na intervenção dos santos na cura das doenças, que não procurasse de modo algum a cura por meio do tratamento material da alimentação e da medicina — que deixasse de ir á pharmacia, ao medico ou ao curandeiro, porque assim só demonstraria estar de accordo com as proprias crenças.

**

Entidades sobrenaturaes fazem com que a terra com a semente produza? Pois então não irrigueis as plantações, não lhes deis estrumes, não planteis.

Os santos distribuem a saúde? Pois então deixeis de comer.

Os santos produzem e distribuem a riqueza e os bens? Não dizeis que tudo obedece á vontade de Deus! Pois então deixeis de produzir e trabalhar porque com a vontade de Deus tudo se fará.

Não é necessario que os felizes sejam taes a custa do soffrimento dos intelizeis; não é preciso que os parasitas vivam a custa dos productores.

Ha um Deus que castiga os criminosos depois de mortos? Pois catão derrubemos as prisões e queimemos os codigos.

Ha santos que fazem milagres, que curam doenças? Pois então nada de remedios, nada de curas por meio da "desprezível" materia para a vossa saúde; os santos milagrosos vos curarão.

Não é claro tudo isto?

**

Em tudo isto a acção do padre é a mais poderosa e producente. E' elle que ao serviço de todos os malandros sem escrupulos e sem dignidade procura esconder a verdade, desnaturar a comprehensão das coisas, embrulhando e mystificando tudo, substituindo no lugar da verdade a mentira. E' elle que se colloca sempre do lado dos vencedores contra os vencidos.

Mas nem sempre os vencedores reconhecem os seus serviços, pois que lhe fazem guerra.

Foi o que aconteceu em vinte seculos de christianismo. Foi quando já não tinha mais o apoio incondicionado dos poderosos que o clero recorreu a novos meios para poder predominar sobre o povo.

Para isso todos os meios que se possam imaginar foram inventados: Santos que distribuem graças a preço de dadas; protecção nos negocios por meio de missas; casamentos na igreja a preço de ouro; baptizados, christmas, tudo a preço de cobre; almas arrancadas do purgatorio a poder de latinorum mastigado ao pé do altar; candidatos ao paraizo por meio de "esmolas á igreja", etc. Sem talar nos testamentos que padres arrancam aos moribundos por meio do temor das penas eternas do inferno.

E... por hoje chega: ha mais que lazer.

LUCAS MASCOLO.

A Escola Moderna

Em breve a grande instituição fundada por Francisco Ferrer será reaberta e reencetará a sua fecunda obra de educação da infancia.

Com esse fim o testamenteiro de Ferrer, Lorenzo Portet, que se achava na Inglaterra, já deve ter partido para a Hespanha.

A Grande Victoria

SALVE! FERRER!

13 DE OUTUBRO DE 1909... Salve! data solemne nas fileiras dos livres pensadores! Ella recorda o barbaro assassinato de um dos maiores guias da humanidade — FRANCISCO FERRER! O seu sangue tez germinar a semente da Liberdade, plantada por elle e por seus denodados companheiros na catholica Hespanha; na vasta região europeia, neste colosso que tem visto em diversas eras os progressos de muitos povos, com a extincção do element; clerical, sem que elle pudesse quebrar as algemas que o prendiam ao negregado jesuita. Hoje, porém, que o espirito liberal apoderou-se do povo, graças á propaganda dos livres-pensadores e ao sublime sacrificio de Ferrer, a retrograda Hespanha de outrora vê seus filhos abrigados á sombra da frondosa arvore da Liberdade, arvore essa já bastante enraizada para rezistir aos constantes embates dos negros abutres, que, em tetricos bandos escapam-se do putrido e escuro Vaticano. Bem podem as hostes satanicas do filho das trevas — o clero, tomar outro rumo; na Hespanha moderna não se respira mais o pestilento ar das sacristias; hoje o ambiente é puro e saturado das auras sacrosantas da Liberdade. Não mais poderá o asqueroso abutre — o padre, impedir que se propague o o livre pensamento na patria de Castelar.

O que nos pareceu hontem uma desgraça, hoje reconhecemos uma felicidade!

Não devemos lastimar a morte de Ferrer, porque ella se impu- una como complemento da lei da evolução.

O progresso de um povo exige grandes crimes mesmo, mas tudo tem sua razão de ser. Sem o sacrificio de vidas, os grandes ideias não se realizariam. Jesus — o Nazareno, não firmaria no mundo os seus subimes ensinos, sem a tragedia do Calvario!

Ferrer, como Jesus e outros, não foi um martyr, mas, sim, um missionario, cuja obra concluiu ao ser atravessado pelas balas dos soldados assalariados pelos papas, nos fossos de "Santa Eulalia".

As suas ultimas palavras: "Hijos míos vosotros no teneis culpa, bem demonstram que o seu espirito estava contornado com o termo da sua missão na terra.

FRANCISCO FERRER não foi uma victima, foi um heróe!

Aquelles que se sacrificam por um ideal, não são victimas, são instrumentos necesarios ao progresso do povo; elles são para a humanidade, o que o orvalho é para a flor, o que o calor é para a vida. Ferrer viverá sempre em nossos corações. O seu espirito despojado da materia, liberto das garras dos oppressores do povo — os malditos soldados de Loyola, agrá mais facilmente em favor da santa causa da "Liberdade Igualdade Fraternidade", conduzindo intuitivamente os seus companheiros de lutas á victoria final da humanidade — O LIVRE PENSAMENTO UNIVERSAL!...

FERNANDO DE SOUSA.

S. João de El-Rey.

"A Lanterna" em Nictheroy

A nossa folha é encontrada em Nictheroy nos seguintes pontos:

Na Ponte Central das Barcas de Nictheroy;

No Largo do Barreto, com o vendedor de jornaes;

Na Charutaria Viuva Vianna, rua dr. Marck, 17—Barreto.

Nas Neves, no ponto final dos bondes, com o vendedor de jornaes.

A educação de hoje é a encarceração das intelligencias por detraz dos varões de algumas ideias banaes.

ELSLANDER.

F. Ferrer

Deperando com o scenario de baixa e de corrupção que o mundo antigo nos apresenta, custa-se a imaginar a rapidez com que nelle medrou a religião de Christo, de uma profundeza então pouco apprehensível e de um egoismo inenon palpavel.

Mas foi justamente essa atmosphera de devassidão que constituiu o elemento do successo, na germinação da doutrina apostolica.

Em uma época de absoluta tolerancia, em que se transigia com os deuses como se fossem symbolos terrenos, sem que por elles se verificassem lutas religiosas, nada se apresentava mais propicio que o advento de uma religião que se caracterizava pelo exclusivismo de seus deuses e pelo fanatismo de seus apóstolos.

Roma tinha um templo, mas nelle podiam entrar toda a especie de religiões e de philosophias. O christianismo repellia tal promiscuidade e aspirava ao predomínio exclusivo.

A resistencia que elle encontrou foi uma logica reacção da liberdade que se propunha violar. Onde havia um templo que se mantinha aberto a toda especie de crenças, era explicavel que se impugnassem a erecção de outro templo.

Mas o christianismo, que tão meticulosamente fiscalizava a entrada de suas ermidas, era incoherente quando impedia que junto á sua se levantasse outra mesquita, que desse guarida aos que não podiam ter o acolhimento de seus sectarios.

Uma doutrina perturbadora! A palavra de seu Deus ainda era mais impiedosa e intolerante que as predicas de seus apóstolos; seu evangelho formava um código de torturas para os divergentes. Mas os perseguidores politicos estavam longe de suppor que a martyrização de seus fanaticos seria um factor de successo para propagação de sua doutrina.

Que coisa que mais impressionasse do que o estoicismo de seus apóstolos e a intransigencia de seus sectarios? O fanatismo é um elemento de convicção. A brutalidade de uma propagação está na razão da certeza de seus dogmas.

Ao christianismo só devia importar a divulgação de suas doutrinas; estas se imporiam por si. E' um código admiravel de machiavelismo politico. A seu seio elle attrae os poderosos, legitimando as suas usurpações pela divinização da autoridade despótica; aos humildes elle grosseiramente acena com uma moral ascética, fazendo-os supportar e desejar as privações terrenas como merito a recompensas futuras, em uma outra vida, em cuja imaginosa perspectiva a ignorancia da massa não sabe perceber a calculada fantasia do embuste.

Vinha talhado para dominar; e assim, foi um pacto natural o que elle firmou com os senhores do throno.

Uma vez no poder, sua politica se modelou por uma tyrannia fantastica. Da reacção legitima que o Estado oppoz ao dogmatismo intolerante, a Igreja se desforrou avaramente no periodo inquisitorial, tracejando a pagina mais inaudita da historia dos povos.

O fanatismo militante entregou-se a um excesso desnecessario e funesto. Seu prestigio vacillava á proporção que as ideias liberais, embora suffocadas impiedosamente avançavam com firmeza.

Mesmo com o anparo do clero, o absolutismo recuava do terreno dominado. Já o povo se dirigia, já elle pesava na balança do governo; a Igreja se via então forçada a abandonar sua antiga aliança e a seduzir essa nova força, que surgia pujante, num egoismo mais directo de

dominação terrena. A luta clerical tendia para outro aspecto.

Se o povo queria a liberdade e podia exigila, a Igreja seria por ella, uma vez que ao povo insinuasse as aspirações clericas. Era preciso fechar o livro tenebroso, subtrahi-lo ás gerações em formação, dominar uma por uma, e assim garantir uma nova era de prepotencia, mais eficaz e menos escandalosa. Tarefa lenta e paciente, essa de trabalhar alma por alma; mas incontestavelmente menos arriscada que o regimen das fogueiras e decapitações.

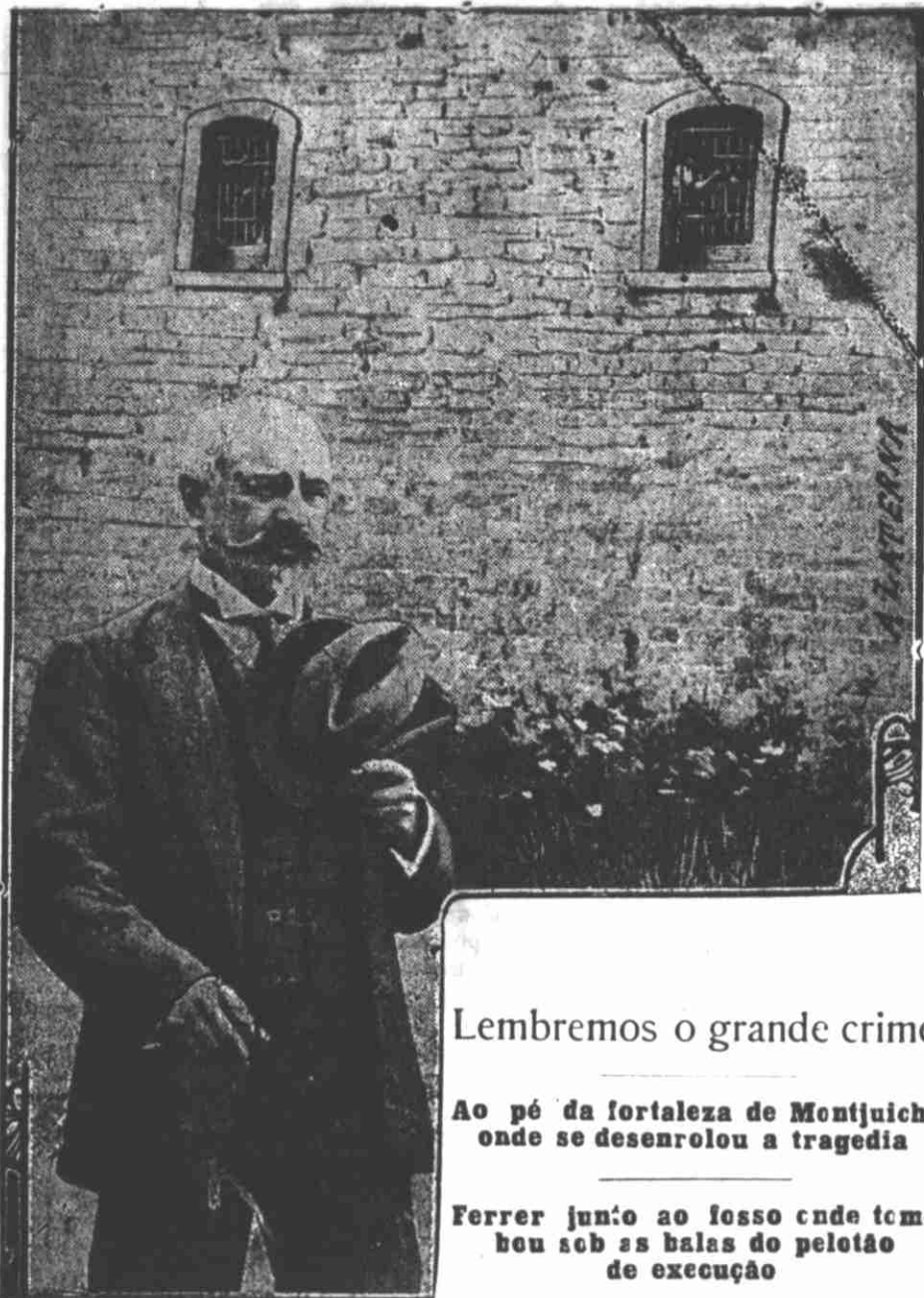
Ser pedagogo é ser psychologo. E quem tem mais elementos para isso que o sacerdote, que no confessorio disséca espirito por espirito, levando ao scientista leigo a vantagem de uma observação mais acurada? Percebeu que a idade mais propria é a adolescencia, em que o espirito oscilla na duvida, em que o ardor das paixões grava mais firme o sentimento que domina.

O dogma não póde dar tréguas á duvida. A verdade da Igreja é uma e certa, e assim não póde admitir sinceramente a possibilidade de que com ella concorra o erro.

Pugnando pelo ensino livre, sem a minima peia de fiscalização, a Igreja é hypocrita e incoherente. Já não póde aspirar á imposição violenta de seus dogmas, porque a época de despotismo já se foi; mas na liberdade de ensino ella vê a possibilidade de conquistar posições recuadas. Que é que perde em que ao povo seja dado pensar livremente, se ella se reserva a tarefa de dominar as consciencias que o compõem?

De um calabouço se foge, e todos pensam escapar ao contacto de uma fogueira; mas da treva da superstição a fuga é nada provavel.

Em cada plaga a que aportam, os jesuitas levantam escolas. E assim, suffocando alma por alma, vão elles preparando a resistencia futura, com um ardor que não póde encontrar reacção proporcionada no indifferentismo dos livres-pensadores.



Lembremos o grande crime

Ao pé da fortaleza de Montjuich, onde se desenrolou a tragedia

Ferrer junto ao fosso onde tomou sob as balas do pelotão de execução

Francisco Ferrer

A violencia é a razão dos ignorantes.

FERRER.

Hijos míos, apuntad bien! No teneis la culpa! Soy inocente! Viva la Escuela Moderna!

FERRER.

*Fosse qual fosse a tua crença nova,
Inspirava-te o amor da Humanidade;
Martire deste amor baixaste a côva,
Mas tua obra social morrer não hade.*

*Pela Escola Moderna tem-se a prova
Do que fizeste em prol da sociedade;
Nella a violencia, o erro, se reprova
Em nome do altruismo e da verdade.*

*Pelo publico bem todo clevado,
A vida consagraste á causa santa:
Da Liberdade ao nobre apostolado.*

*Por teus ideias soffreste como um forte,
E soubeste morrer com gloria tanta,
Que vivés inda mais depois da morte.*

Rio, 8 de Shakespeare de 122 (16 de Setembro de 1910).

Reis Carvalho.

Uma vez abolida a intolerancia civil, a Igreja domina—não mais pelo numero de seus adeptos, e sim pelo commodismo dos espiritos emancipados, que por ella já se não sentem incommodados. Mas embora sem a unidade de esforços e a pujança de outros tempos, ella trabalha com habilidade no terreno que lhe resta.

A liberdade de consciencia será letra morta, se a par desse direito não forem garantidas as condições necessarias ao espirito, para que delle aproveite.

A reacção já não é prematura, e de ha muito que ella se nos impõe. Que as consciencias emancipadas comprehendam isso, e façam surgir, de cada canto enegrecido pelas ruinas de um convento, uma escola livre, scienciantilante de luz como a propria

razão, carinhosa e sincera como a imagem martyrizada de Ferrer.

«Meus amigos, falei pouco de mim, porque se criam idolos quando se exaltam os homens, o que é um grande mal para o futuro da humanidade. Só os factos devem ser estudados.»

Não será contrariado: nelle não se idolatra um deus crucificado, seu nome é um symbolo que synthetiza uma reacção vencedora: um grito de guerra enquanto houver trévas a desbravar, um hymno de victoria a assignalar cada conquista para a emancipação do espirito humano.

1910

EMMANUEL SODRÉ.

TODO O HOMEM EMANCIPADO DEVE AJUDAR A E. MODERNA.

Racionalismo humanitario

Quando ha seis annos tivemos o grandioso prazer de abrir a Escola Moderna de Barcelona, fizemos resultar muito que o systema de ensino seria racional e scientifico. Primeiro que tudo desejamos advertir o publico que, sendo a razão e a sciencia antidotos de todo o dogma, na nossa escola não se ensinaria religião alguma. Sabiamos que esta declaração provocaria o odio da casta sacerdotal e que nos veriamos combatidos com todas as armas que costumam empregar essas pessoas que só vivem de enganos e hypocrizias, e tanto sabem abusar da influencia que lhe dá a ignorancia dos seus fieis e o poder dos governos. Mas quanto mais se nos falava da temeridade a que nos expunhamos, pondo-nos tão francamente em frente da igreja imperante, mais alento sentiamos para perseverar em nossos propósitos, convencidos de que quanto maior é um mal e quanto mais poderosa é uma tyrannia, mais vigor se ha de empregar para a combater e mais energia se ha de gastar para a destruir.

O clamor geral elevado pela imprensa clerical contra a Escola Moderna, a que poderemos dever um anno de carcere, prova-nos que acertamos na escolha do methodo de ensino e nos ha de dar a todos os racionalistas novos alentos para proseguir a obra com mais ardor que nunca e engrandece-la, propagando-a até onde o nosso poder alcance.

E' necessario advertir, sem embargo, que a missão da Escola Moderna não se limita ao desejo de fazer desaparecer dos cerebros o preconceito religioso, porque se bem que este seja um dos que mais se oppõem á emancipação intellectual dos individuos, não conseguiriamos só com isso a reparação da humanidade livre e feliz, posto que se concebe um povo sem religião e tambem sem liberdade.

Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual hoje existe; se os operarios julgassem como certa a parábola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com difundir conhecimentos sobre a hygiene, sobre as sciencias naturaes e preparasse sómente bons aprendizes, bons dependentes, bons empregados e bons trabalhadores de todos os officios, poderiamos muito bem viver entre atheus mais ou menos sãos e robustos segundo o escasso alimento que podem permitir os mínguados salarios, mas não deixaríamos de nos encontrar sempre entre escravos do capital.

A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificultem a emancipação total do individuo e para isso adopta o racionalismo humanitario que consiste em inculcar á infancia o atan de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que, com o seu conhecimento possa logo combater-las e oppôr-se a ellas.

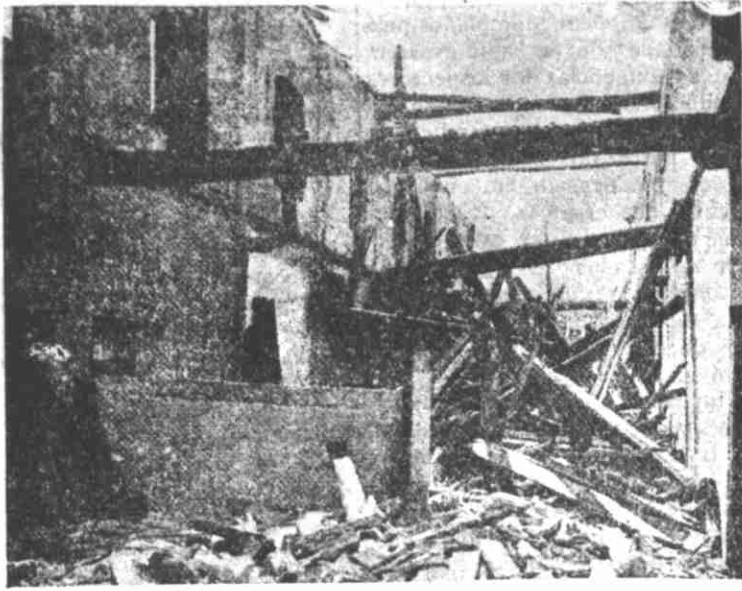
O nosso racionalismo humanitario combate as guerras fratricidas, sejam intestinas ou exteriores, combate a exploração do homem pelo homem, combate a relegação em que tem a mulher e combate todos os inimigos da harmonia humana como são a ignorancia, a maldade, a soberba e outros vicios e defeitos que têm divididos os homens em tyrannos e em tyrannizados.

O ensino racionalista e scientifico da Escola Moderna ha de abarcar, como se vê, o estudo de tudo o que seja favoravel á liberdade do individuo e á harmonia da collectividade, mediante um regimen de paz, amor e bem estar para todos, sem distincção de classes nem de sexos.

1-6-907.

FRANCISCO FERRER Y GUARDIA.

A justiça das chammas



Convento das capuchinhas da cidade de Manresa

A questão social

Indiferente, insensível, a amputação do Tempo, marca um anno que o terror dos açambarcadores dos povos, tremulos pela commoção de perderem a besta passiva que os alimenta, transidos pelo receio de que ella com os olhos abertos por um dos seus amigos, se levantasse indomita, atirando no abysmo das coisas immundas os caricatos e pretensos dominadores, sacrificou a vitalidade exuberante de Ferrer.

Imbecis. Dementes, pela pusillanidade, que não vêem que um genio não se mata.

Tresloucados, que julgam evitar o vulcão obstruindo-lhe a cratera.

Por ventura com a morte material de Ferrer, conseguiram matar a sua ideia, os seus adeptos e impedir que elle presida e dirija os seus amigos na luta pela liberdade? Firmou-se para sempre na Hespanha o throno e o cléro com esse acto sangüinario e brutal? Não. Elle não morreu, porque nelle está concretizado todo um ideal: a liberdade, o direito do homem viver sobre a terra.

Role o knut na Russia, retalhando carnes; trabalhem de mãos dadas a guilhotina, a forca, o fuzil e todos os meios de destruição com que os satrapas pretendem impedir a liberdade e manter-se nos seus carcomidos dominios, que ella jamais fallerá. Os factos nos mostram, que os grandes ideaes da humanidade, quanto mais opprimidos, mais se alastram, mais se desenvolvem e em breve dominam com vigor.

Eis o christianismo. Martyrizado, despedaçado por feras, alastrou-se, venceu e dominou. O Protestantismo, perseguido, queimado pelos negros vampiros do homem, soffrendo matanças de exterminio, fructificou, desenvolveu-se e impera.

O direito do homem explodiu na França com tal impetuosidade, que abalou nos seus alicerces todas as velhas monarchias da Europa, mostrando-lhes então quanto já se achavam carunchosas e ridiculas aquellas corôas. Foi de balde, que ellas unidas, organizaram exercitos que eram verdadeiras massas humanas, para abafar o vulcão social francez. Foi baldado. Jamais se viu em duello algum o escravo que combate inconsciente, vencer ao liberto que, convicto, mantém o seu direito de ser tambem rei da criação.

E' odioso o anarchista, diz o burguez pançudo, e servil e nullo de cerebro. Para elles, pobres criaturas, que só fazem o que o pai, o avô e tataravô faziam, que não tem espinha e sim uma longa serie de dobradiças para que a toda hora se curve diante do potentado orgulhoso que nem o olha. Elle julga que todo o homem pobre deve ser escravo do

lar ao senhor. O anarchista para elle é terrivel porque lhe disseram e por que elle treme ao lembrar-se dos seus papeis do Estado que lhe dá farta e nullo existencia. Perdoai-lhe que elle nunca terá mais raciocinio do que um gallinano.

E' odioso o anarchista. E' odioso aquelle que vê sua casa incendiada, sua mulher e seus filhos morrerem fulminados pela tísica, sem ter ao menos um trapo que lhes cubra as carnes; o que sente as costas retalhadas pelo knut brutal das autoridades, tiritando de frio, os pés sangrando das longas caminhadas, as portas das nações fechadas para si, nin-

guem o recebe, ninguem o aceita, morto de fome, de frio, de cansaço, tudo lhe tendo sido recusado até o trabalho, corrido das sociedades como um animal leproso, elle se deixa cair desfallecido no portão luxuoso de um palacio. Cá fóra elle morre de frio; lá dentro homens e mulheres, que em nada se occupam, passeiam, dansam e ouvem musica; enquanto elle, o martyr que ousou sonhar com o trabalho livre, disputa no lixo um osso corroido que um cão vadio tenta arrebatá-lhe, lá dentro, bandejas de finas iguarias se encontram. Um creado empoado apparece e o corre a pauladas. Elle, tem um momento de revolta desesperada e, qual novo Sansão, sentindo que a vida lhe escapa açoitada pela inanición; elle um homem com os mesmos direitos em face da Natureza do que os outros, um Rei da Creação, ergue-se soberbo e num ultimo e desesperado esforço vital e masculino faz ruir o lindo edificio, transformando num montão de calça os marmores, as traves, as sedas, as joias, as carnes e os cerebros futeis e egoistas dos seus alegres habitantes. E' um typo odioso. E' o gigante compassivo, escravo do pigmeu; que cansado de tanto soffrer o latego do imprudente senhor, volta-se e o faz em pedaços.

Vergados pelo medo, como o junco pelo tufo, o rei Afonso,



Igreja de Horta

Entrou por necessidade de ganhar a vida para a administração de um caminho de ferro de Hespanha onde occupava o lugar de inspector. Em 1885 ou 86 teve que emigrar, refugiando-se em França, por tomar parte na tentativa insurreccional do general Villacampa. Foi corretor de vinhos e em Paris deu lições de hespanhol e tornou-se secretario do revolucionario hespanhol Luiz Zorrilla.

Depois da morte de Zorrilla fez-se professor de lingua e lite-

seus ministros e o clero, essa aza negra que obscureceu a toda hora o verdadeiro caminho do progresso, viram em Ferrer o sangue vital que se insufflára nas veias do povo espanhol; vio nelle o gigante de aço que se preparava para derrubá-los do seu pedestal de papelão e logo com os beijos contrahidos pelo terror deram o golpe que julgavam ser definitivo: fuzilaram o Ferrer material. Porém o Ferrer, homem-ideia, o agitador magico e temido dos tyrannos, o abnegado advogado do opprimido, jamais conseguirão feri-lo. Esse não morrerá nunca. Poderá descaçar quando a humanidade inteira possa livre e feliz realizar o seu sonho: viver em commum, formando uma unica familia, sendo um por todos e todos por um, reinando apenas a divisa: — Progresso, Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Honra ao heróe martyr, que continúa ainda a ser a nossa bussola no caminho da Liberdade.

JOSÉ JARDES BENEVIDES.

FRANCISCO FERRER Y GUARDIA

Ferrer, a quem o despotico governo da Hespanha fuzilou no tragicamente historico castello de Montjuich, nasceu nos arredores de Barcelona em 1859.

Filho de uns pobres catholicos, nesta religião foi educado e se conservou, com apaixonado mysticismo, até aos quinze annos. Foi nessa idade que começou a libertar-se da influencia religiosa, pela influencia da leitura a que sempre teve amor.

ratura hespanholas na Associação Philotechnica de Paris. Foi então que elle desenvolveu a sua cultura e radicou a convicção de que a emancipação do povo residia na sua propria educação, começando desde logo todo o seu esforço para a fundação da escola racionalista.

Entre os seus discipulos a quem ensinava hespanhol, havia mille. Meunier, catholica ferrenha, que se entusiasmou pelas ideias do mestre, a quem deixou por sua morte uma razoavel quantia, que Ferrer desde logo applicou na fundação da « Escola Moderna » de Barcelona.

Para a realização da sua grande ideia, da sua luminosa aspiração, aproveitou o concurso de varios homens de sciencia, como: o dr. Odon de Buen, professor de historia natural na Universidade de Barcelona; o dr. Martinez Vargas, professor da Faculdade de Medicina de Barcelona; sociologos como Anselmo Lorenzo, Eliseu Reclus, Letourneau, etc.

William Heaford dedicou ao programma da escola, lido no momento da sua fundação, as seguintes palavras:

« Eis um alto ideal, um daquelles que resumem a justiça abstracta no seu mais elevado e mais nobre sentido. »

Em agosto de 1901, abriu a Escola Moderna com 12 raparigas e 18 rapazes subindo um anno depois a 70 o numero de alumnos.

De tal forma irradiou esta bella obra que Carlos Malato em 1907 exclamava: « 38 centros de educação racional; 38 centros de vida intellectual saídos da terra por seu esforço somente, na Catalunha. Isto sem contar a Escola Mãe, a sua livraria, e o seu *Boletim*. Milhares de crianças aprendem a ser conscientes e boas, e não escravos! Por isso se concebe o odio dos homens do obscurantismo. »

Em 1908, Ferrer fundou a « Liga Internacional para a Educação da Infancia » com séde em Paris, a qual publicava tres revistas: *L'Ecole Renouée*, em Paris e que primeiro se publicou em Bruxellas, *La Scuola Laica*, em Roma e em Barcelona, o *Boletim de la Escuela Moderna* que hoje se encontra suspenso.

Estes orgãos de propaganda da Liga têm operado uma larga remodelação no ensino, advogando uma pedagogia scientifica e racional.

Esta prodigiosa obra de educação e de libertação humana, fóra de moldes ronceiros e bestiaes das escolas officiaes e burguezas, onde se prescinde do dogma religioso como do dogma patriótico e patronal, mereceu como era natural os rancores dos que vivem e campeiam sobre a ignorancia do povo.

O homem que na sciencia e na educação punha toda a sua esperança de propagandista pela emancipação em antagonismo com a ronceira e fradesca educação ministrada por ahi, tinha fatalmente de ser a victima dos seus poderosos inimigos. Já quando do

attentado de Morral contra Afonso XIII, elle esteve largo tempo encarcerado e a infamia que então se não poz em pratica consummou-se ha um anno.

Foi fuzilado a 13 de outubro de 1909.



Trinidad, filha de Ferrer

A Roma! A Roma!

Os prophetas mentiram e Christo em vão se deixou crucificar. Onde estão os remidos?

Em vão os braços exhaustos pela quotidiana luta do pão, se estenderam para os céos; em vão as pobres mães choraram sobre os berços de seus filhos victimas da anemia homicida e em vão a maldição dos homens se elevava até a Jehovah invocando o apocalypse prometido pelo solitario de Patmo. Os prophetas mentiram!

O pai recusou-se a cumprir a promessa do Filho. Quem sabe? provavelmente Deus morreu! E Satanás?

Oh! tu que em um gesto de ira te revoltaste contra o criador, oh tu, o eterno rebelde, se dormes, acorda.

Decrepita está a obra dos Numes: a hora para ti é propicia! Surge, oh luz, dentre as trévas, toma a tua destorria... e qual novo Genserico, põe-te á nossa frente e leva-nos para Roma!

Roma!... Cidade da gloria e do delicto, cidade da infamia e da té, dize ao teu papa que arme de espietadeiras os teus fieis, dize ao teu rei que recolha os seus esbirros.

Eis os modernos barbaros que marcham para conquistar-te, guaidos por Satanás!

Lá está Roma. Ei-la! O sol beija as altas cupulas dos seus templos, dardejando os intercolumnios dos seus edificios; porém, lá dentro só ha trevas.

Nos seus templos a divindade em masturbação com o vicio cria o typo hermaphrodita: o padre.

Nos seus palacios o bastardo dos patricios curva-se sob a brutal virilidade burgueza, e gera o esbirro.

Roma: ei-la! Ella tem um papa e um rei: o monstro e o carrasco.

O primeiro vende Christo, o segundo estrangula o povo.

Christo deixa-se vender e o povo deixa-se estrangular... Vamos, pois, a Roma!

Oh! Satanás, nós não te pedimos que nos guies á conquista dos vasos de ouro, ou que nos conduzas ao estupro das virgens... ao ouro preferimos o luzente aço que abre as entranchas fecundas da terra, e as virgens?... Mas ainda haverá virgens onde o padre reina e os reis se pervertem?...

Nós te pedimos somente o archote para que o fogo purifique a rainha do mundo a cidade da maxima tyrannia e da maxima ignominia, a cidade onde reina um papa e onde é pontifice um rei.

A Roma, a Roma!

GIGI DAMIANI.



Uma das barricadas da rua Angel, em Barcelona

Se amas a infancia ajuda a Escola Moderna.

O que se deve fazer

E' permitido desejar a morte do próximo ou alegrar-se com ella, quando da dita resulte um grande bem, mesmo material para o publico, ou para a Igreja.

P. LA CROIX, da C. D. I.

Quando — como no caso Ferrer — o odio clerical desabafa as suas raivas num crime medonho, os anticlericaes todos, isto é, das varias nuances, desde o atheu ao espirita, desde o maçõn ao lutherano, desde o convicto ao indeciso, solenemente se reúnem e do singular amalgama, sobe aos céos um grito que quer ser feroz e é sómente ridiculo; o grito mui velho, mui rouco, de: *Morra o padre!* Mas... passado o grandioso momento da civica algazarra, os terríveis herejes voltam aos seus lares, satisfeitos, convencidos plenamente, que cumpriram com o dever de perfeitos anticlericaes e... o padre que devia já ter morrido milhões de vezes, continúa na gorda vida, calculando na sombra novas offensas á liberdade e ao direito.

E' isso tudo: a volta dos anticlericaes aos respectivos quartéis, e, a do padre, ao tradicional emprego do seu tempo e dos seus rancores, isso tudo não é facto que dê pora extranhar, se nós calculamos que a maioria dos chamados anticlericaes, são, no fundo da propria medrosa consciencia, crentes pios, ou se melhor vos apraz, supersticiosos chronicos.

A maioria delles, queria quasi dizer, a totalidade é contra o PADRE-HOMEM, membro de uma seita, e não contra o PADRE-SACERDOTE, ministro de uma religião.

A maioria delles está convencida de que ha padres máos e não quer saber nem indagar se o padre é infame, porque infame é a doutrina que elle propaga e defende.

E' esta doutrina que nós devemos desvendar em seus mysterios, fazer a conhecida e po-la sob o espirito de critica das massas.

E' nes e mananciais de instigações, a todos os delictos, os mais ferozes, os mais torpes, que nós devemos, sem pejo, ir buscar as razões da nossa luta de exterminio ao padre. Limitar-se a considerá-lo como "homem peccador", é papel demasiado facil, mas sem valor, sem resultado.

Os crimes do padre-homem, nas suas formas exteriores, são os crimes dos homens todos, mas o que os faz na preparação e na execução espantosos, monstruosos, medonhos, o que lhes dá um requinte de perversidade, é a doutrina religiosa que faz do padre o sicario de Ahriman, do Deus do Mal pelo Mal.

Do mal pelo mal?!... Não, o padre faz o mal pelo bem! Eis porque devemos combatê-lo na religião que professa; porque, escutai bem, quando o padre estupra, mata, assalta, não acrediteis que elle se emporcalha no sangue ou no vicio, porque, vencido pelas paixões physicas ou moraes; mas porque atrás d'elle estão os livros do Igreja a dizer-lhe que o seu crime é santo, que a sua devassidão é abençoavel... desde que praticada afim de bem, isto é, "ad majorem gloriam dei", á maior gloria de Deus!

Livres-pensadores, quereis ouvir-me: é obra esteril e vá combater o padre, com demonstrações e correrias, que quando muito alegrem os garotos, e não cavam nenhum sulco profundo para que a boa semente fecunde nas visceras da consciencia popular, se depois de ter apedrejado os conventos, não se destroi a doutrina que levantou aquelles covis.

As demonstrações... (ah! deixai que eu vos externe todas as minhas duvidas sobre o milagre biblico dos muros de Jericó, caidos por virtude das trombetas judaicas!) as demonstrações são optimas, quando, porém, as determina, não o entusiasmo do momento, mas sim á convicção do fim almejado.

O muito reverendo padre Gury,



Esboço do busto de Ferrer, obra do escultor Derre, representando o grande martyr no momento da execução, sustentado por sua filha Trinidad.

um dos theologos mais safardinas, e dos mais escutados nas ordas clericas e cujos "casos de consciencia" provam com exuberancia a completa falta de consciencia nos jesuitas, e cujo "manual dos confesores" faz a delicia dos seminaristas que encontram nelle uma causa ao onanismo e uma desculpa á pederastia, o muito reverendo padre Gury, que todos os confesores, mortos e vivos, tiveram como mestre espiritual na immunda tarefa de desvirginar as almas incautas e os corpos ignaros; o reverendo padre Gury, que Deus haja, no seu tratado das virtudes, Cap. III, art. II, paragrapho 1.º, assim disserta sobre o thema: "O amor para com o proximo":

"223 P. E' contrario á caridade desejar um mal material ao seu proximo, ou regozijar-se com elle, para um bom fim?"

"R. 1.º Não o é, se não se transgrede a ordem requerida pela caridade, isto é, si se faz em vista dum bem maior ou de um mal menor. E' então pe.mittido: 1.º para o bem espiritual do seu proximo; 2.º para o bem commum espiritual ou material; 3.º para o bem de um grande numero e de uma maior importancia, como o da familia e da comunidade..."

"225 P. Pode se desejar um publico castigo para seu inimigo e mesmo pedi lo?"

"R. Sim, em principio, desde que todo sentimento de vingança seja excluido..."

Eu lembrei-me destas palavras santas, desses celestiaes aforismos que constituem o criterio não sómente religioso, mas social e juridico dos catholicos, quando um escriptor, dias depois do fuzilamento de Ferrer perguntava aos padres: "E' este o vosso amor para com o proximo?"

Sim, era aquelle: era e será... e theologicamente não pode ser outro.

A moral dos padres, cheia de equivocações exclue a humanidade: e a moral dos jesuitas bem a compendiou aquelle patife no reverendo padre Tamburini, resolvendo com as mais cynicas respostas os casos de consciencia apresentados nas seguintes perguntas:

"Um filho pode desejar a morte de seu pai... para gozar da herança?"

"Uma mãe pode desejar a morte da sua filha para não ser obrigada a sustentá-la e dotá-la?"

"Um padre coadjutor pode desejar a morte do seu vigario com vista em succeder-lhe, ou porque lhe é contrario e outras cousas semelhantes?"

"R. Se desejais sómente, ou vindes a saber com alegria, estes acontecimentos, a saber-se: uma successão, o fim de vossos aborrecimentos, o vigario, etc... a res-

posta é facil: que vos é permitido desejar aquellas cousas e a receber com tanto que não vos alegreis com o mal de outrem, mas com o bem que delle advem".

Collocada a moral nessas bases... theologicas é presumivel estabelecer as consequencias que podem causar, como é facil formar-se uma edificante opinião sobre o amor para com o proximo, segundo os padres.

Querendo e obtendo, a todo o transp, a morte de Ferrer, elles não desabafavam só o seu rancor de sectarios, mas cumpriam uma obra boa, uma obra santa; evitavam um mal maior... a quem?... A elles mesmos?... Não, ao dogma do obscurantismo, á religião que elles professam e impõem com todos os meios...

Mas a doutrina havia desde seculos tomado suas providencias; havia desde seculos estabelecido o aforismo, que se podem matar os inimigos... com bom fim...

E os fez matar... e os matará.

"Usque tandena,?... até quando?... Enquanto os anticlericaes se limitarem á luta contra o padre-homem, esquecendo-se de ferir nelle e com elle a maldita religião que lhe arma o braço e perverte o coração.

GIGI DAMIANI.

As victimas do jesuitismo



Coeducação

Apressurados pelo programma que lhes impõem, dominados pela necessidade de se conformarem com as exigencias dos inspectores e directores, devendo ter-se em conta as das familias tambem, a maior parte dos professores primarios só pensam em encher o cerebro das crianças, dos conhecimentos prescriptos pelo certificado de estudos.

Repetirei textualmente quanto dizia sobre o assumpto, a proposito de pedagogia, no nosso boletim n. 1:

"Interessar a criança por quanto a rodeia, acostuma-la a dar conta de tudo, a observar, comprehender, reflectir, perguntar, provar, a fim de que mais tarde, quando adulto, não passe a vida como muitos, cego e surdo, taes são os costumes que o nosso ensino trata de apontar."

Na *Ruche* (*) não se dão lições de moral. A moral é a vida. Nos milhares de factos quasi insignificantes, como no fundo mesmo da existencia, constitue-se de dia para dia a moralidade de uma criança; e educados, em tudo que se refere á moral, não deve ser mais do que o facto que projecta sobre o caminho a claridade necessaria para seguir sem tropeços.

Nada de aturdir, de esmagar a criança com preceitos e regras, mas tire-se partido dos factos mais salientes da vida para lhe explicar o que é razoavel e bom, o que é mau e derrazoado. Não se provoque nunca a occasião, mas sempre que ella se apresente, não se despreze e faça-se penetrar na consciencia da criança, simples e affectuosamente, os sentimentos generosos e fraternaes.

Consagrem-se todos os recursos do coração e da esperiencia ao desenvolvimento, na criança, do sentimento de justiça, dos incentivos de dignidade, de animo, de sinceridade e franqueza, dos movimentos de bondade, das comoções de ternura.

O educador não tem outro trabalho, está nisso todo o seu papel.

Crianças de um e outro sexo vivem juntas, como irmãos e irmãs no seio das familias numerosas. Todas concorrem para os mesmos trabalhos e participam dos mesmos divertimentos. A vida é a mesma para todas. Estranho que este systema de coeducação levante ainda tantos protestos, suscite tantos temores e desencaidei tão ardentes controvérsias.

E' a consequencia de quinze seculos de dominação christã, quinze seculos durante os quaes a mentalidade publica se saturou e sobressaturou de preconceitos ridiculos e ineptas apreensões.

A experiencia da vida commum entre os dois sexos, que se pratica na *Ruche*, demonstrará a todos aquelles que o fanatismo não cega, que ha menos perigo em viverem ao lado uns dos outros, rapazes e raparigas, do que em isolá-los, — demonstrará que é da separação systematica destas criaturas, na idade em que começam a sentir os primeiros abalos da vida sexual, que nascem as necessidades doentias e as precocidades perigosas

SEBASTIÃO FAURE.

La *Ruche* é uma escola existente em Paris, moldada aos principios do ensino racionalista e dirigida por Sebastião Faure. — N. da Red.

Gloria a Ferrer

Em o transcurso de todas as idades e de todas as etapas foram, valorosamente, ao sacrificio as maiores intelligencias, sem maior delicto que o de levantar o archote que illumina a senda de nosso formoso Porvir!

Por isso o 13 de outubro não será mais que a data em que foi exterminado o grande heróe da ESCOLA LIVRE RACIONALISTA!

Não será a ultima victima em que saciará seu appetite a maldade téra jesuitica; não serão os ultimos crimes praticados pelos malditos de batina; não será o ultimo sangue vertido pela malta de inquisidores; não será a ultima pagina negra na historia dos martyres; enquanto o povo obedecido não reconhecer os tormentos que soffrer desses de *Deus e espada* seremos expostos ao mesmo fim, nós que de fronte erguida lutamos contra o monstro altaneiro.

"Morrer é viver", diz o proverbio. — Assim succede a Francisco Ferrer, que permanece impavido na brecha; cuja ideia caminha sem perder um apice de sua força, a menor particula de sua energia. E nem a menor expressão de sua doutrina será perdida.

"Morrerá a Escola Moderna"? Não. Morto é o martyr da ideia, porém a ideia, dona e senhora da raça humana por direito natural, não por imposições dos dogmas e tyrannias, penetrará em todos os ambitos do planeta em que habitamos com a facilidade com que um microbio penetra no corpo humano.

Avante! companheiros! Sejamos verdadeiros intransigentes, sem que nos perturbe sequer um pouco os latidos dos cães que saem a impedir-nos o passo.

Avante! sigamos sem voltar o rosto, caia quem cair, pese a quem pesar e digamos o que disse Ferrer em seus ultimos momentos, ante seus verdugos:

— "Viva a Escola Moderna!"

EMILIO GARCIA GARCIA.

Botucatu, 6—10—910.

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondencia deve ser dirigida a
EDGARD LEUENROTH

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.